

SABER

Cooperar

A revista do cooperativismo

Ano X – Nº 38 // ABR/MAI/JUN 2022



Sistema **OCB**
CNCOOP - OCB - SESCOOP

Pesquisa global
O que é o coop para você?

Sementes
Sustentabilidade na
pauta cooperativa

Representação
Sistema OCB
conquista vaga no
Conselho da ACI

As coops constroem um mundo melhor





COOPERATIVISMO

É UM JEITO COLABORATIVO DE FAZER NEGÓCIO.



O COOP FAZ MUITO E FAZ BEM

Acesse: [→ somos.coop.br](https://somos.coop.br)

No campo, nas cidades, na geração de energia, no transporte, na saúde e até nos serviços financeiros. O coop é trabalho, renda e prosperidade para todos os envolvidos.

Boas novas

Amigo cooperativista!

A sua cooperativa agora está representada no Conselho de Administração da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). Fui eleito para assumir uma cadeira nesse fórum e, desde já, faço questão de deixar claro: estou lá para defender, divulgar e abrir as portas de todas as coops brasileiras para o mundo! E para comemorar essa conquista, produzimos uma edição especial da **Saber Cooperar** com foco na importância do coop para a construção de um mundo melhor.

Uma das matérias que merece a sua atenção trata de uma pesquisa global que começa a ser realizada este ano para entender se a identidade do nosso movimento precisa ser atualizada, depois da pandemia da Covid-19. A última vez que um estudo desses foi realizado ocorreu em 1995 e culminou com a inclusão de um novo princípio ao coop: o interesse pela comunidade. Agora, temos a chance de rever não apenas os nossos princípios, mas os nossos valores, alinhando-os aos novos desafios trazidos pelo século XXI, como a sustentabilidade, a inovação e a importância do trabalho justo.

A relação do coop com o desenvolvimento sustentável do planeta, aliás, é o tema principal da entrevista desta edição e de uma reportagem especial sobre como as cooperativas de todo o mundo estão colaborando (e inovando) para o cumprir a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Por fim, vale destacar uma matéria sobre a importância histórica da ACI para o fortalecimento do cooperativismo em todo o planeta. A instituição tem dado assistência aos governos de diversos países na formulação de leis que aprimorem e fomentem o cooperativismo, além de representar o coop junto à ONU. E, a partir de agora, eu estarei lá, junto a outras lideranças do coop, fazendo o meu melhor para representar o Brasil nesse fórum global.

No que precisar, você sabe que pode contar comigo!

Boa leitura

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

SESCOOP

CONSELHO NACIONAL

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- Celso Ramos Régis – titular
- Luis Alberto Pereira – suplente

Regiões Norte e Nordeste

- Cergio Tecchio – titular
- José Merched Chaar – suplente

Região Sudeste

- Edivaldo Del Grande – titular
- Pedro Scarpi Melhorim – suplente

Região Sul

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- Mauri Viana da Silva – titular
- Nivair de Castro de Souza – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Fabiano Maluf Amui – titular
- Marcio Cândido Alves – suplente

Ministério da Economia

- Myrian Mara Kosloski Prado – titular
- Geanluca Lorenzon – titular
- Adão José Correa Paiani – titular
- Juliano Cardoso Eleutério – titular

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP

REPRESENTANTES DA OCB

- João Teles de Melo Filho – titular
- José Aparecido dos Santos – titular
- Alexandre Gatti Lages – suplente
- José Ronkoski – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

- Raphael Miguel da Silva – titular
- Waldir Ferreira da Silva – Suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Marcio Eli Almeida Leandro – titular
- Mara Marlene Machado Papini – suplente

Ministério da Economia

- Arthur Henrique da Silva Santos – titular
- Luíza de Amorim Motta Deusdará – titular

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação: Samara Araujo

Conselho Editorial: Ana Regina Teixeira da Silva, Andressa Recchia, Fábio Alexandre Salazar, Fabíola Nader Motta, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Leonardo Machado, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Rosana Vargas e Wesley Santos.

Jornalista responsável: Guaira Flor

Colaboração: Alice Roberte

Projeto gráfico e editorial



Edição: Guaira Flor

Diagramação: Vanessa Kassabian

Repórteres: Alessandro Mendes, Débora Brito, Flávia Duarte, Janaína Camelo, Lana Cristina, Lillian Beraldo, Juliana César Nunes, Mariana Branco, Mariana Favre, Renato Crozzatti

Ilustrações: Kleber Sales

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Mais Soluções Gráficas Eireli ME

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. “I”
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119
E-mail: comunicacao@ocb.coop.br

NESTA Edição



Entrevista
CAMINHO PARA UM MUNDO MELHOR

6



10 *Melhores práticas*
UMA CONSULTA SOBRE NOSSA IDENTIDADE



18 *Dia internacional do cooperativismo*
UM SÉCULO DE REVERÊNCIA AO COOP



28 *Aquicultura*
NOVAS OPORTUNIDADES PARA O MERCADO DE PEIXE



Somos Coop
UMA NOVA ONDA

34



42 *Conexão internacional*
SOMOS PIONEIROS ATÉ NO SETOR DE ONGS



48 *Sementes*
INOVAÇÃO + SUSTENTABILIDADE



58 *Três poderes*
7 PRIORIDADES DO COOP PARA 2022



72 *Perfil*
LÍDER NATO E PÉ NO CHÃO

CAMINHO PARA UM

*mundos
melhores*



**ENTENDA COM
IEVA LAZAREVICIUTE
E ROBERTO RODRIGUES
COMO AS COOPERATIVAS
ESTÃO CONTRIBUINDO PARA
ERRADICAR A POBREZA E
PROMOVER UMA VIDA MAIS
JUSTA E SUSTENTÁVEL PARA
TODOS AO REDOR DO PLANETA**

Em tempos de crise, as cooperativas confirmam sua vocação para construir um mundo melhor. Mais do que um modelo de negócios, somos um jeito diferente de gerar emprego, renda e novas oportunidades para quem coopera.

As coops têm ajudado a promover o desenvolvimento sustentável das comunidades onde atuam, sem deixar ninguém para trás. Esse, aliás, é um dos principais objetivos da Agenda 2030 da ONU – um plano global composto de 17 objetivos ambiciosos e interconectados, que buscam erradicar a pobreza e promover vida digna a todos, dentro das condições que o nosso planeta oferece e sem comprometer a qualidade de vida das próximas gerações.

São vários os atributos que fazem do cooperativismo um exemplo de construção de um mundo melhor para todos: desde o jeito de trabalhar aos serviços oferecidos até o foco no cliente sem deixar de lado o próprio cooperado.

Para conversar sobre os diferenciais do cooperativismo e sobre o que ele tem a oferecer para o mundo, a revista **Saber Cooperar** entrevistou o embaixador do Cooperativismo pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Roberto Rodrigues, e a assessora responsável pela implementação de estratégia de cooperação descentralizada do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil, Ieva Lazareviciute.

Saber Cooperar – Aproveitando o gancho do Dia Internacional do Cooperativismo 2022, como as cooperativas ajudam a construir um mundo melhor?

Roberto Rodrigues – O cooperativismo é uma doutrina conhecida no mundo todo e, sem dúvida, é a doutrina que mais agrega pessoas no mundo inteiro. Nenhum partido político, nenhuma religião, nenhuma instituição, tem tamanha participação na atividade global do que o cooperativismo. E como é uma doutrina com princípios iguais em qualquer país do mundo, independente do regime de governo ou de opção religiosa, então ela tem realmente a condição de fazer o mundo melhor. Com uma das suas características principais: o cooperativismo é inclusivo. Ele inclui pessoas que estão fora do processo de desenvolvimento do mercado por condições econômicas, sociais ou políticas diferenciadas. Ora, pessoas excluídas, desesperadas, destroem a democracia, destroem a paz porque levam à revolução, ao descontentamento. Então, por ser um movimento inclusivo, o cooperativismo passa a ser um dos mais importantes fatores de defesa da paz social e da democracia. E hoje o que existe no mundo é uma certa erosão do processo democrático. É preciso resgatar isso e as cooperativas têm, pelo seu caráter inclusivo, uma condição notável para defender a democracia e a paz.

Ieva Lazareviciute – Sem dúvida as cooperativas representam um mecanismo de atividade produtiva intimamente ligada aos conceitos da agenda 2030. Conceitos de um desenvolvimento mais holístico e um desenvolvimento que não deixa ninguém para trás. Digo isso porque as cooperativas, pela sua natureza, pela palavra “cooperar”, já revelam uma construção conjunta. Uma construção conjunta no caso de bens econômicos que beneficiam todos os seus integrantes de uma forma mais direta. Esse é um aspecto. No segundo aspecto está o fato de as cooperativas estarem localizadas, muitas vezes, nos locais que estão mais distantes das grandes cidades, das grandes empresas. Estão nas áreas rurais ou olhando para uma parcela da sociedade que muitas vezes não possui acesso aos serviços de grande porte, aos serviços mais complexos. Então, neste sentido, as cooperativas estão contribuindo para não deixar ninguém para trás, que é o coração da agenda 2030. Dessa forma, as cooperativas, pelo seu jeito de trabalhar, e pela forma, pelo local, pelo tipo de serviço oferecido, pelo foco no cliente que está mais distante, elas representam exatamente um exemplo da construção de um mundo melhor para todos.

Dentro do cooperativismo, fala-se muito que o coop é o modelo de negócios do futuro. Você concorda com essa avaliação? Por quê?

RR - O cooperativismo é o modelo de negócios do presente, pois inclui pessoas, reduz a concentração da renda, além de oferecer oportunidades e alternativas para os pequenos produtores. Ele foi inovador no passado, é no presente e será no futuro novamente. A doutrina permite ao cooperativismo trazer para o mercado negócios inclusivos que melhoram as condições democráticas de participação de todos. Portanto, já é um negócio importante e tende a ser cada vez mais um jeito diferente de fazer negócios, mais justo e mais ético, sobretudo em um mundo que sofre com a erosão do processo democrático.

IL – Sim, eu concordo fortemente e acho que cada vez mais percebemos algumas tendências no mercado que reforçam a importância e a relevância do cooperativismo. Primeiro: a questão de princípios. A forma como as empresas atuam. Como o setor produtivo atua. Os valores que eles seguem, os princípios que embasam as atividades produtivas e que acabam virando fatores importantes além do lucro financeiro na avaliação dos investimentos, dos trabalhadores, dos clientes, de toda a cadeia. Com tendência daqueles que são mais sustentáveis, mais alinhados com princípios inovadores, princípios do futuro, acabam recebendo mais atenção de investidores e clientes que estão mais preocupados com as questões de sustentabilidade. E cada vez mais pessoas estão preocupadas com isso.

Em segundo lugar, eu acho que também tem o fator da localização geográfica. Tem o aspecto de proximidade com as pessoas. Ter uma cooperativa na sua comunidade significa que, de um lado, tem um serviço de fácil acesso, e do outro, mantemos os recursos na região, criando um movimento virtuoso de desenvolvimento regional. Neste sentido, acredito que as cooperativas fazem parte do modelo de negócios do futuro.

Que paralelo podemos traçar entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e o modelo de negócios cooperativista?

RR - Os ODS têm uma claríssima ligação doutrinária com o movimento cooperativista. Grande parte dos conceitos das ODS são parte integrante do DNA das cooperativas. Erradicação da pobreza, o cooperativismo trabalha intensamente a favor da erradicação da pobreza. Ou seja, está totalmente integrado. O segundo ODS, acabar com a fome, isso é o DNA do cooperativismo. Da mesma forma que o cooperativismo quer acabar com a pobreza, ele quer acabar com a fome, que é o maior flagelo universal e precisa ser eliminado. Então estamos integradíssimos. O terceiro ODS trata da defesa da saúde e do bem-estar, outro pilar de atuação das nossas cooperativas. Educação de qualidade também é um princípio do cooperativismo, assim como a igualdade de gênero. Há também nos ODS o fomento à energia limpa e acessível. As cooperativas fazem isso a todo tempo, em especial as cooperativas agropecuárias, que estão trabalhando a todo vigor com energia solar, eólica e biocombustíveis. O Brasil tem hoje 48% da sua matriz energética com energia renovável, enquanto a do mundo gira em torno dos 15%. Já o oitavo ODS fala em trabalho decente e crescimento econômico. O que propõem as cooperativas de trabalho? Exatamente o trabalho decente, de forma que haja um equilíbrio entre o trabalho e a qualidade de vida dos trabalhadores e das cooperativas. Resumindo, as cooperativas trabalham, hoje, com toda a Agenda dos ODS.

IL - Como falei anteriormente, o cooperativismo pensado bem, localizado bem, com produtos de qualidade, produzidos com tecnologia sustentáveis, inovadoras, trabalha para reduzir a pobreza por manter os recursos no local de produção, e contribui com a agricultura sustentável, que é um ODS. Com segurança alimentar, as cooperativas podem contribuir com saúde, que é o ODS 3, podem contribuir com a educação, que é o ODS 4. Enfim, a gente pode listar todos os ODS. Podemos avaliar e identificar links muito diretos entre o modelo das cooperativas e os ODS. Claro que o escopo desse impacto positivo depende muito de como o negócio cooperativista é conduzido porque não basta ser só cooperativa para garantir que as tecnologias utilizadas sejam ambientalmente sustentáveis, ou que o produto será adaptado. De maneira em geral, o modelo cooperativista se aproxima do modelo de colaboração, cocriação, que é necessário para implementar a Agenda 2030.

Na sua opinião, qual seria a receita para um mundo melhor?

RR - Essa pergunta é muito complexa. Eu diria que tem alguns valores essenciais na vida. Eu, durante um longo período da minha juventude, até da minha idade madura, tive muita dúvida sobre o sentido da vida. Claro que essa resposta nunca foi encontrada, nenhum grande filósofo encontrou. Na fé encontramos sentido para tudo, mas não havia uma resposta do ponto de vista social, econômico, político. Então deixei de olhar e buscar o sentido da vida e passei a ver as coisas com um viés contrário: diante do fato de que a vida é uma dádiva divina, que nos foi concedida por nossos pais, e que é tão espetacular que ao invés de procurar o sentido da vida decidir dar um sentido para a vida para justificar a dádiva que recebemos. E a resposta é simples: ajudando a fazer um mundo melhor. E como eu posso ajudar a fazer um mundo melhor, sendo apenas um agrônomo? Estudei um pouco mais e cheguei à conclusão que se todo mundo ensinasse o que sabe para os demais haveria um equilíbrio e o mundo passaria a ser melhor. Então ensinar passou a ser o meu objetivo. Então eu fui dar aula na universidade e com isso esperava estar dando um sentido para a minha vida. Isso fechou o clipe virtuoso da minha vida: estamos aqui para aprender e, aprendendo, devemos ensinar a todos para que todos tenham a mesma informação. Ensinar a todos contribui para um mundo melhor. E fazer o mundo melhor é o meu sentido da vida. E esse é o caminho que tenho seguido até hoje, dando aulas nas universidades.

Por outro lado, também me preocupei em buscar a felicidade. Qual seria o caminho da felicidade? Quais instrumentos deve-se buscar para ser feliz? Estudei muito e a conclusão que cheguei é que a felicidade é o canto de um pássaro que não se pode aprisionar. Mas que precisamos buscar ouvir o tempo inteiro. E depois de estudar muito, identifiquei que há dois caminhos pelo qual se pode chegar à felicidade. Um deles é o amor, e o outro é a justiça. E ambos no sentido mais geral possível. Praticar o amor e a justiça. Cheguei à seguinte frase: a felicidade é uma viagem. Não é uma estação. É uma viagem dentro de um trem que anda sobre dois trilhos: do amor e da justiça. E o combustível do trem é a esperança de fazer um mundo melhor. A receita para um mundo melhor é procurar a felicidade coletiva. Na viagem da vida, sobre os trilhos do amor e da justiça, com a expectativa de fazer um mundo melhor.

IL - não existe uma única receita para todo mundo. Cada país é diferente, cada cidade é diferente, cada empresa é diferente. Então a receita tem que ser customizada de forma mais adequada a cada situação para acelerar o desenvolvimento. Mas eu acho que existem alguns ingredientes em comum para o mundo inteiro como: empatia, capacidade de analisar e aplicar as oportunidades de colaboração, respeito pelas diferenças, compromisso com uma mudança, com um mundo melhor, são absolutamente importantes. Errar e procurar novos caminhos para chegar a soluções que funcionam e que mudem o jeito de atuar. ■

“ESTUDEI UM POUCO MAIS E CHEGUEI À CONCLUSÃO QUE SE TODO MUNDO ENSINASSE O QUE SABE PARA OS DEMAIS, HAVERIA UM EQUILÍBRIO E O MUNDO PASSARIA A SER MELHOR. ENTÃO ENSINAR PASSOU A SER O MEU OBJETIVO.”

Roberto Rodrigues,
embaixador do Cooperativismo
pela Organização das Nações
Unidas para Agricultura e
Alimentação (FAO)



UMA CONSULTA SOBRE NOSSA

identidade

**PESQUISA GLOBAL
PROMOVERÁ
REFLEXÃO SOBRE
O QUE NOS
FAZ SER COOP.
NOSSA ATUAÇÃO
EM RELAÇÃO
ÀS MUDANÇAS
CLIMÁTICAS ESTÁ NO
CENTRO DOS DEBATES**

Por Mariana Fabre

O que faz de uma cooperativa uma cooperativa? A Aliança Cooperativa Internacional (ACI) iniciou um processo consultivo global para analisar a compreensão dos cooperados sobre a identidade do nosso movimento. Afinal, com princípios e valores bem definidos fica mais fácil se manter alinhado aos propósitos que dão vida ao nosso movimento.

A proposta da pesquisa surgiu durante o 33º Congresso Cooperativo Mundial, realizado em novembro de 2021, em Seul, na Coreia do Sul. Em um contexto marcado pelas fortes transformações sociais provocadas pela pandemia da Covid-19, foi natural as pessoas se perguntarem como essas mudanças afetariam o coop.

De acordo com Alexandra Wilson, presidente do Grupo Consultivo de Identidade Cooperativa da ACI, os princípios do coop possuem aspecto operacional, indicando as questões práticas de como organizar e operacionalizar uma cooperativa. Já os valores são os motivos que levam as pessoas a adotar esse modelo de negócio.

Na opinião do presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira, Tiago Luiz Schmidt, a essência do movimento cooperativo é um grupo de pessoas que se reúne para desenvolver uma atividade econômica que tem impacto social. "Eu acredito que não existe uma cooperativa próspera numa comunidade pobre. Uma cooperativa se torna cada vez mais próspera a partir do momento em que ela também consegue promover prosperidade aos associados e comunidade em que ela atua", explica. Para ele, manter o equilíbrio entre o econômico e o social é crucial para que uma organização demonstre estar alinhada com a identidade cooperativista.

Modelo duradouro

A necessidade de construção de uma identidade está no cerne da criação do movimento cooperativo. Ao se reunir para compra e venda coletiva de mercadorias na Inglaterra, em 1844, os 28 tecelões conhecidos como *pioneiros de Rochdale* precisaram estabelecer critérios que os diferenciavam dos outros modelos de negócios já existentes. Assim nasceu a Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, na tentativa de criar um negócio que respondesse às desigualdades das organizações empresariais, ao mesmo tempo que empoderasse as pessoas. Um dos motivos do sucesso duradouro do modelo é atribuído ao estabelecimento de um estatuto social com objetivos e normas para orientar a estrutura e o funcionamento da cooperativa. Esses conceitos foram debatidos durante os congressos internacionais promovidos pela ACI em 1937 e 1966, e adotados como princípios cooperativistas desde então.

Em 1995, durante uma nova assembleia, a ACI formalizou a Declaração sobre a Identidade Cooperativa, que incluiu os princípios cooperativos e os valores-chave nos quais as cooperativas se baseiam: autoajuda, autorresponsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Foi nesse momento que um novo princípio foi adicionado para atender demandas de cooperativas em todo o mundo: o interesse pela comunidade. A presidente do Grupo Consultivo da ACI comenta que, em todas as ocasiões em que os princípios foram colocados em análise, chegou-se à conclusão de que eles se mantinham fundamentalmente sólidos. Na opinião de Alexandra, isso ocorre porque os princípios atendem necessidades humanas universais.

“A experiência e a história nos mostram que há algo duradouro no modelo de negócios cooperativista e da Identidade Cooperativa, que dura mesmo quando o mundo e as próprias cooperativas se transformam. Mesmo a inclusão do 7º Princípio não quer dizer que a preocupação com a comunidade não existia antes, ela só não havia sido expressa de forma oficial”, salienta.

Por que agora?

Passados quase 30 anos desde a última reflexão em escala global sobre o cooperativismo, a ACI volta a propor aos cooperados uma análise profunda e ampla sobre a Declaração de Identidade Cooperativa, sob a luz dos desafios do mundo atual. O coordenador de Relações Internacionais do Sistema OCB, João Martins, lembra que o coop surge como uma forma de manter a dignidade humana, gerando prosperidade e desenvolvimento social.

“Em um momento em que a sociedade passa por grandes dificuldades novamente — pandemia, aumento da desigualdade e conflitos armados —, a ACI vem propor a identidade cooperativista como uma forma de enfrentar os grandes problemas da humanidade”, comenta.

Alexandra Wilson revela que desde a conclusão da assembleia de 1995, já começaram a ser identificadas questões sobre as quais as cooperativas deveriam se debruçar com mais ênfase, com destaque para a preservação ambiental, as relações trabalhistas, a educação sobre cooperativismo e, mais recentemente, inclusão e diversidade. Com isso em mente, foram publicadas, em 2016, as Notas de Orientação para os Princípios Cooperativos, que apontam diretrizes e conselhos detalhados para a aplicação prática desses princípios cooperativos. Alexandra reconhece, no entanto, que a extensão do documento reduz sua aplicabilidade no dia a dia dos cooperados.

Para Martins, o momento é de fazer com que a sociedade perceba o diferencial cooperativista e que cada cooperativa se entenda como parte dessa iniciativa de mudança de comunidades mais sustentáveis. “A partir do momento que você tem um modelo de negócios que respeita os aspectos democráticos e compartilha os resultados de forma igualitária, você passa a ter uma sociedade mais estável, pacífica e economicamente responsável”.

Preocupação urgente

“Cooperativas precisam fazer mais e mostrar mais o que fazem para suas comunidades, em especial na atuação diante das mudanças climáticas”. A declaração de Alexandra Wilson resume dois temas apontados como prioritários pelos cooperados que participaram do 33º Congresso Cooperativo Mundial. Mesmo que o desenvolvimento sustentável esteja presente no 7º princípio e que o 5º princípio defenda a educação para o cooperativismo, as transformações provocadas pelo desenvolvimento econômico e pelas novas formas de organização social, impuseram mais peso a essas temáticas dentro da identidade cooperativa.

“As cooperativas estão correndo o risco de serem deixadas para trás por não se preocuparem adequadamente com o que está acontecendo no mundo ao nosso redor. Nós vivemos uma emergência climática. O meio ambiente está sendo degradado em um ritmo que ameaça a viabilidade da espécie humana. E nós que acreditamos no cooperativismo como o melhor modelo, devemos nos perguntar se estamos fazendo mais do que outras companhias e organizações não lucrativas”, declara a presidente do Grupo Consultivo da ACI.

Apesar dos esforços realizados até o momento, a compreensão do público sobre o modelo cooperativo é relativamente baixa. Nesse sentido, Alexandra acredita que a consulta pode sugerir uma

ênfase mais direta à conscientização sobre o modelo cooperativo. João Martins também compartilha dessa preocupação para que o cooperativismo não seja visto como uma ideia obsoleta.

“A ACI entende que o cooperativismo vai ser transversal às mudanças pelas quais a humanidade passa. Para acompanhar o avançar da humanidade e dos debates globais que influenciam cooperados mundo afora, a ACI propõe essa grande consulta”, esclarece.

Alexandra reforça que, apesar de não ser possível prever o resultado desse processo consultivo, o que se analisa não é uma retirada de princípios, e sim a possibilidade de adaptação ou inclusão de novos aspectos.

Etapas da consulta

Diante da árdua tarefa de desenvolver uma pesquisa em escala global, o Conselho da ACI criou o Grupo Consultivo de Identidade Cooperativa (CIAG), composto por 23 membros de todas as regiões de atuação da ACI. O grupo é responsável por planejar ações que promovam consultas e reflexões a respeito da identidade cooperativa. A presidente do Conselho, Alexandra Wilson, explica que o processo ainda está na fase inicial e deve demorar de dois a três anos para ser concluído.

Nessa etapa inicial, uma pesquisa foi disponibilizada no **site da ACI** para recolher as impressões iniciais de cooperados a respeito do significado da identidade cooperativa. A consulta aborda temas comuns a membros da ACI de todos os 150 países onde as cooperativas estão presentes. No momento, o formulário está disponível em inglês, francês e espanhol, e está sendo traduzido para diversos idiomas.

O Sistema OCB é a organização parceira da ACI para levar essa consulta ao conhecimento das cooperativas e dos cooperados no Brasil. Segundo o coordenador de Relações Internacionais da instituição, João Martins, os documentos já foram traduzidos para o português e a entidade está em contato com as Unidades Estaduais para definir a melhor forma de divulgação e disponibilização da pesquisa.

“Isso deve acontecer nos próximos meses e está previsto um anúncio sobre a consulta no Dia Internacional do Cooperativismo”, afirma João. No próximo dia 20 de junho, o Grupo Consultivo deve tratar sobre a pesquisa na Assembleia Geral

da ACI em Sevilha, na Espanha. Segundo Martins, a expectativa é de que na ocasião seja definido um calendário de consultas e eventos e, a partir daí, o Sistema OCB terá instrumentos para levar as informações completas às cooperativas brasileiras.

Alexandra explica que, para além do formulário on-line, devem ser realizados webinars e outros eventos consultivos em escalas regionais e internacionais para que o debate sobre identidade cooperativa agregue o máximo de pessoas possível de forma interativa. “Temos grandes ambições. O objeto é envolver todos do mundo cooperativista que tiverem interesse, independente de atuação, cargo ou localidade. O objetivo é realizar uma consulta ampla e profunda”, define.

Após reunir todas as informações e avaliações colhidas, e tendo em mente os princípios formadores, o Grupo Consultivo apresentará um parecer com sugestões à Assembleia da ACI, que vai decidir o que fazer com as proposições apresentadas. Caso haja um entendimento de possível mudança na Declaração sobre a Identidade Cooperativa, o conselho recomendará a questão para a Assembleia Geral, que colocará a questão em votação.

Uma alteração na Declaração não é um processo simples, já que ela está incorporada no reconhecimento das cooperativas pela Organização Internacional do Trabalho e na legislação cooperativa em diferentes países. Diante desse cenário, Alexandra Wilson aponta uma outra possibilidade: “esse não seria um processo simples, uma mudança teria que passar por duas assembleias gerais consecutivas. Já as Notas de Orientação são mais fáceis de serem alteradas. Há possibilidade, inclusive, de criar algum documento intermediário entre a Declaração e as Notas”.

Identidade fortalecida

Estimular as pessoas a pensar sobre identidade cooperativa pode, por si só, fortalecer a organização cooperativa. Essa é uma das apostas da ACI com esse movimento. O presidente da Sicredi Pioneira compartilha dessa expectativa. “O segredo para preservar a identidade está no relacionamento entre associados”, avalia Tiago Luiz Schmidt. Segundo ele, quando a cooperativa realiza movimentos que trazem cooperados para dentro da organização, a comunidade se fortalece.

A promoção de debates e capacitações sobre assuntos de interesse dos cooperados auxilia na formação de um vínculo com a cooperativa e empodera os cooperados sobre os princípios e valores do cooperativismo. Em contrapartida, o engajamento dos associados fomenta inovações nos produtos, serviços e na atuação da própria cooperativa. “Quando isso acontece, a gente atinge o momento mágico de uma identidade cooperativa plena, que não é aquela identidade que lideranças, diretores e gestores conceituam, mas aquela que os associados efetivamente vivem no seu dia a dia. Isso é identidade cooperativa: é o cooperativismo vivido pelo próprio associado”, conclui Schmidt.

Para a presidente do Grupo Consultivo de Identidade Cooperativa da ACI o conceito “1 membro, 1 voto” é o mais duradouro dos conceitos cooperativistas. “Nenhuma outra forma de negócio adota esse modelo de gestão. Esse é o princípio que eu prevejo que nunca vai ser alterado, mas é possível ter um debate sobre como melhor expressar a gestão democrática nas cooperativas para além desse nível primário”, comenta. Na avaliação de Alexandra, esse também pode ser um bom momento para que cooperativas percebam que sua identidade deve ser encarada como uma vantagem competitiva.

Uma etapa seguinte a essa mobilização teórica em torno da identidade cooperativa, é uma movimentação prática que coloque em ação tais princípios e valores. Um exemplo histórico é o ato inovador e revolucionário dos pioneiros de Rochedale que permitiram o voto de mulheres em uma época em que isso era proibido no mundo. E agora que o 33º Congresso Cooperativo Mundial apontou como foco de preocupação questões como aquecimento global, e promoção de diversidade, equidade e inclusão, essa consulta pode estimular as cooperativas a encontrar soluções tangíveis que apenas esse modelo de negócios pode proporcionar.

Alexandra Wilson impulsiona essa provocação: “Se somos uma cooperativa e operamos dentro desses valores e princípios, não deveríamos nós dizer como precisamos agir?” O presidente da Sicredi Pioneira resgata o legado do patrono do cooperativismo brasileiro, padre Theodor Amstad, ao também propor que a reflexão venha acompanhada de ação. Tiago Schmidt usa como exemplo as ações adotadas nos processos seletivos abrangentes e inclusivos da Sicredi Pioneira, que trazem diversidade para o dia a dia dos cooperados.



PRINCÍPIOS EXPRESSOS NA DECLARAÇÃO DA IDENTIDADE COOPERATIVA DA ACI, QUE SERÁ REVISTA ESSE ANO:



1. Adesão livre e voluntária

As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminações sociais, de sexo, raciais, políticas e religiosas.



2. Gestão democrática

As cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática.



3. Participação econômica

Os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão.



4. Autonomia e independência

As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa.



5. Educação, formação e informação

As cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação.



6. Intercooperação

É a cooperação entre as cooperativas, para o fortalecimento do movimento como um todo e dos princípios cooperativistas. Isso pode ocorrer em diversos níveis: através das estruturas locais, regionais, nacionais, internacionais; entre cooperativas do mesmo sistema; com cooperativas de outros sistemas; e com cooperativas de outros ramos do cooperativismo.



7. Interesse pela comunidade

As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das comunidades onde estão inseridas, através de políticas aprovadas pelos membros. Prezam por investimentos em projetos que sejam economicamente viáveis, ambientalmente corretos e socialmente justos. ■





UM SÉCULO DE reverência ao coop

NO 100º DIA
INTERNACIONAL
DO COOPERATIVISMO,
CELEBRAMOS O
NOSSO JEITO
DIFERENTE DE SER
E DE FAZER NEGÓCIOS



Por Mariana Branco

Todo ano, o primeiro sábado de julho fica um pouco mais cooperativo. Neste ano, em centenas de países, as cooperativas vão comemorar o centésimo Dia Internacional do Cooperativismo (#CoopsDay) — uma iniciativa da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) que pretende chamar atenção da sociedade para o nosso jeito diferente de ser e de fazer negócios, promovendo a solidariedade, a eficiência econômica, a igualdade e a paz mundial.

A comemoração será dupla, pois, além de um século do CoopsDay, faz uma década que a Organização das Nações Unidas (ONU) homenageou o nosso modelo de negócios, declarando 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas. Na ocasião, o *slogan* escolhido para as comemorações foi “Cooperativas constroem um mundo melhor”, agora eleito o tema do Dia Internacional do Cooperativismo 2022.

“As cooperativas estão respondendo ao chamado do secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, que alertou que o mundo precisa ‘restaurar a confiança e inspirar esperança’, e que precisamos de cooperação, de diálogo e de compreensão”, declarou Bruno Roelants, diretor-geral da ACI.

Em comunicado enviado às entidades de representação do coop ao redor do mundo, a ACI pediu que todas as cooperativas aproveitem o dia 2 de julho para mostrar ao mundo que têm orgulho de ser coop. O texto diz o seguinte:

“Este ano vamos viver o nosso Dia de uma forma muito especial. É a edição centenária desta celebração e isso nos enche de orgulho e responsabilidade. Devemos mostrar ao mundo que nossa doutrina está mais viva do que nunca e que é fundamental para a construção de um mundo melhor. É justamente para isso que o slogan deste ano se orienta. As Nações Unidas deixaram bem claro que esse modelo econômico e social ajuda a construir um mundo onde ninguém fica de fora e onde ninguém é deixado para trás”, declarou o presidente da ACI, Ariel Guarco.

Agora que você está por dentro do Dia Internacional do Cooperativismo 2022, conta pra gente: como você pretende comemorar essa data?



“DEVEMOS MOSTRAR AO MUNDO QUE NOSSA DOUTRINA ESTÁ MAIS VIVA DO QUE NUNCA E É FUNDAMENTAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR (...) ONDE NINGUÉM FICA DE FORA E ONDE NINGUÉM É DEIXADO PARA TRÁS.”

Ariel Guarco,
presidente da ACI



VOCÊ SABIA?

As cooperativas foram homenageadas em 2012 pela Organização das Nações Unidas (ONU), por terem sido responsáveis pela criação de 100 milhões de vagas de emprego em todo o mundo, logo após a crise financeira global de 2008.

Estudos realizados na época mostraram que as cooperativas ajudaram na recuperação econômica das cidades onde estavam localizadas, além de contribuir ativamente com o cumprimento dos chamados Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que vigoraram até 2015. Após o envolvimento de Governos, sociedade civil, academia e vários outros agentes, a partir de 2016, esses desafios foram revistos e transformados nos 17 atuais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Outra curiosidade é que, desde 1995, a ACI e as Nações Unidas — por meio do Comitê para a Promoção e Avanço das Cooperativas (COPAC) — definem conjuntamente o tema para a celebração do #CoopsDay.

Manifesto

E se ao invés de competir, a gente decidisse cooperar?

Nosso tempo pede jogo de cintura e inovação para solucionar os mais diversos desafios.

Exige respostas rápidas.

Pede um jeito diferente de fazer as coisas, um jeito mais diverso, mais humano.

E se ao invés de arriscar sozinho a gente investisse junto? Unindo forças para criar negócios de um jeito diferente, onde todos são donos. Mas dono de verdade: com direito a voz e voto.

E, claro, participação nos resultados.

E se ao invés de comprar daquele que busca o lucro a qualquer custo, a gente comprasse de quem tem o propósito de criar melhores oportunidades para todos? Gerando trabalho e renda, desenvolvendo a economia local e pensando no futuro das pessoas e do planeta.

E se ao invés de correr só a gente caminhasse junto, entendendo que bom mesmo é não deixar ninguém para trás? Apostando na força do coletivo para chegar ainda mais longe.

Existe um jeito diferente de pensar, de viver, de comprar e de fazer negócio. E que está em todo lugar, preste atenção a sua volta!

Cuidamos da sua saúde, do seu dinheiro, produzimos o seu alimento, conectamos o campo e a cidade, transportamos pessoas e cargas. Estamos por toda parte e estamos onde ninguém está.

Nós somos milhões de pessoas...

Professores, médicos, motoristas, catadores, agricultores, e vivemos de um jeito diferente. Juntos, cooperados, colaboradores e consumidores, fazemos o coop acontecer.

Nós já estamos fazendo muito e fazendo bem, sempre com um propósito em mente: transformar o mundo em um lugar mais próspero e justo para todos.

Muito prazer, nós somos o coop!



Assista o vídeo!

Dia C

No Brasil, no mesmo dia em que é comemorado o Dia Internacional do Cooperativismo acontece o Dia de Cooperar — mais conhecido como Dia C —, um evento em que celebram os projetos de responsabilidade socioambiental desenvolvidos pelas cooperativas brasileiras.

“Em 2022, após dois anos de pandemia, o Dia C voltará a ser realizado presencialmente, o que para nós é um motivo de enorme alegria”, festeja Débora Ingrisano, gerente de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB.

Segundo a gestora, a Unidade Nacional ajudará as coops e as Unidades Estaduais a mobilizarem suas bases, fornecendo enxoval de comunicação para os interessados, além de apoio institucional.

“Nosso papel, no Sistema OCB, é disseminar a importância de aproveitar esta data para apresentar à sociedade um pouco do que o coop faz, diariamente, para melhorar a vida das pessoas e preservar o meio ambiente; mas, são elas que decidem o que fazer para comemorar essa data. A gente não conduz o processo”, esclarece.

Até o fechamento desta edição da **Saber Cooperar**, mais de 10 Unidades Estaduais já tinham confirmado participação no Dia C. E vale destacar: com a volta das atividades presenciais, existe uma oportunidade de aumentar ainda mais o engajamento e a mobilização das cooperativas para ações e projetos transformadores nas comunidades.

“A ideia é estarmos mais próximos, estimulando as cooperativas para a construção, retomada ou continuidade de projetos sociais relacionados aos diferentes **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**”, explica Guilherme Costa, coordenador de Desenvolvimento Humano e Social do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) Nacional.



Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Os 17 ODS definidos pela ONU são:

1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA	2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	3 SAÚDE E BEM-ESTAR	4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	5 IGUALDADE DE GÊNERO
6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO	7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL	8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO	9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA	10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES
11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS	13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA	14 VIDA NA ÁGUA	15 VIDA TERRESTRE
16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES	17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO	OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL		

Fique por dentro das comemorações do Dia C!



O que vem por aí

Após dois anos de comemorações a distância, as coops brasileiras conseguirão levar para perto das comunidades atividades como o projeto de reciclagem da Unimed Inconfidentes, de Ouro Preto (MG). Os cooperados dessa unidade organizaram uma feira de produtos reciclados, que inclui sabão produzido a partir de óleo de cozinha usado, vassouras de garrafas pet e *nécessaires*, sacolas e bolsas criadas a partir de *banners* que deixaram de ser utilizados.

O mais bacana é que, além de estar ajudando a cuidar do futuro do planeta, o projeto beneficia organizações filantrópicas mineiras. Segundo Juliana Vieira, coordenadora de Comunicação e Marketing da Unimed Inconfidentes, a cooperativa colabora com a arrecadação de matéria-prima para o Núcleo de Apoio aos Toxicômanos e Alcoólatras (Nata) — grupo de apoio a dependentes químicos. Os integrantes produzem o sabão a partir do óleo de cozinha e as vassouras, com garrafas pet. Além disso, existe uma parceria com a Associação de Catadores Padre Faria, que reutiliza os *banners* não mais usados pelas cooperativas, para a produção de itens como *nécessaires*, sacolas, bolsas de supermercado e aparadores de panela.

Juliana conta que a sustentabilidade sempre esteve presente na Unimed Inconfidentes. “Evitamos o uso de copos descartáveis, ofertando xícaras aos colaboradores, e também trabalhamos com economia de papel e luz”. No entanto, a coordenadora reforça que o projeto de reciclagem surgiu da curiosidade de conhecer o destino dos itens descartados na cooperativa.

“Por mais que a gente fizesse um trabalho com coleta seletiva, sempre tivemos curiosidade de saber qual era o destino dado para esses materiais. No caso dos *banners*, vimos uma bolsa [produzida a partir deles] em uma atividade da Ocemg [Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais] e firmamos a parceria. No caso do Nata, ficamos sabendo que eles precisavam de garrafas pet por uma colaboradora e passamos a ajudar”, explica.

De acordo com Juliana, todos os colaboradores da cooperativa foram envolvidos nos preparativos para a feira de reciclados no Dia C. “Para arrecadar garrafas pet e óleo usado de cozinha, fizemos uma gincana entre os colaboradores, e o prêmio foi um *nécessaire*, feito de *banner* e restos de tecido”, conta.



Recuperação de nascente

No Sicoob Credip de Espigão D'Oeste, em Rondônia, o projeto para o Dia C também envolveu sustentabilidade. Em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente da cidade, os colaboradores deram o pontapé inicial no trabalho de recuperação de uma nascente do Rio Palmeiras, no Bairro Bela Vista. O projeto de limpeza da área e construção de uma estrutura para a proteção da nascente, com o assentamento de pedras, começou no Dia C.

“Na entrada do bairro existe uma reserva que é da prefeitura, mas está bem degradada, com uma nascente morrendo, sem muito fluxo de água”, explica Ronaldo Magalhães da Costa, gerente do posto da cooperativa de crédito rural em Espigão D'Oeste.

A cooperativa abraçou a proposta da prefeitura de recuperar a área e buscou doações de mudas de árvores nativas — como açaí, palmeiras e ingá — junto ao Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) de Rondônia. E foram firmadas parcerias com empresas para a doação de material de construção e adubo.

“Como é um projeto totalmente voluntário, as ações são feitas nos finais de semana. Nossos voluntários são os colaboradores do Sicoob Credip [19 pessoas], mais sete pessoas da Secretaria de Meio Ambiente”, explica Ronaldo da Costa.

Segundo Dener Freitas dos Santos, colaborador da cooperativa e participante do projeto, a estrutura da área de preservação indica que deveria haver uma lagoa na região, mas ela não é visível por conta da degradação da nascente. “Como a nascente está fraca, muita gente no bairro nem sabia da existência dessa lagoa”, observa. Com a recuperação, a ideia é que, no futuro, seja criada uma área de lazer para o Bairro Bela Vista, com quadras de areia e pergolado, atendendo aproximadamente 400 pessoas.



Coleta solidária

A cooperativa de geração de energia Certaja, de Taquari, no Rio Grande do Sul, decidiu trazer para o Dia C um projeto que executa desde 2018. "A gente tem uma parceria com a prefeitura para promover um dia de recolhimento de vidro e lixo eletrônico. Fazemos isso trimestralmente e, dentro da cooperativa, a gente estimula o pessoal a fazer o descarte", conta o engenheiro Ambiental e de Segurança da Certaja, Leandro da Cruz Vargas.

Em 2022, a cooperativa agendou uma campanha para o período de 1º a 8 de julho, como forma de celebrar o Dia C. Na parceria com a prefeitura, a gestão municipal usa sua capilaridade para divulgar a campanha e a cooperativa trabalha na captação de patrocínios.

"A prefeitura se utiliza de todos os meios eletrônicos para fazer a divulgação, a logística e o acesso às escolas e comunidades. Nós, da parte ambiental da Certaja, entramos com os patrocínios, para conseguir coletores e bags", explica Vargas.

Para o engenheiro ambiental, as ações sustentáveis se tornaram uma realidade no dia a dia das empresas. "As empresas hoje estão mais engajadas nessa questão do meio ambiente, de promover hábitos ou ações relacionadas a isso. Sabemos que tanto a decomposição do resíduo eletrônico como a do vidro levam anos. A Certaja quer conscientizar as pessoas no descarte adequado desses produtos. Somos uma cooperativa que atua na área socioambiental nas 20 comunidades onde estamos; então, achamos interessante fazer esse trabalho", diz.

Conheça a história do



O Dia de Cooperar (Dia C) nasceu em 2009, no Sistema Ocemg. O objetivo era desenvolver ações de responsabilidade social, colocando em prática os valores e princípios cooperativistas, por meio do voluntariado. Rapidamente, a ideia ganhou a simpatia de diversas cooperativas mineiras, que passaram a apoiar e desenvolver, anualmente, as ações do Dia C.

Após o sucesso alcançado em Minas Gerais, o Sistema OCB decidiu expandir o evento para o restante do país. Em 2013, realizamos um projeto piloto em sete Estados e, no ano seguinte, o Dia C passou a ser realizado simultaneamente em todo o país.

É fundamental esclarecer que as ações apresentadas no Dia C são uma pequena amostra dos projetos sociais desenvolvidos, de forma permanente e contínua, pelas cooperativas brasileiras para apoiar o desenvolvimento das comunidades em que atuam (7º princípio do cooperativismo) e contribuir com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. ■

REDE SOLIDÁRIA

Desde que passou a ser um evento nacional, em 2013, o Dia C já realizou:



+14 mil iniciativas de voluntários, que beneficiaram



24,8 milhões de pessoas



2009
Criação do Dia C, pelo Sistema Ocemg



2013
Projeto piloto de nacionalização do evento



2014
Ampliação do Dia C para todos os estados brasileiros



2015
Começa o incentivo às cooperativas para alinharem os projetos do Dia C aos dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)



2016
Substituição dos ODM pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que serão fomentados pela ONU até 2030

NOVAS OPORTUNIDADES PARA O MERCADO DE

peixe

COOPERATIVAS SE ORGANIZAM PARA AMPLIAR A PRODUÇÃO E VENDA DE PESCADOS. MELHORIAS NA GESTÃO DE INSUMOS E NA LOGÍSTICA DE VENDAS AJUDAM A SUPERAR DESAFIOS

Por Juliana Nunes

O período de pandemia alterou nossa sociedade em muitos aspectos — entre eles, o perfil de consumo de alimentos da população mundial, que, diante do período pandêmico, se voltou para questões de saudabilidade, rastreabilidade e qualidade. Atentas a isso, as cooperativas da área de aquicultura estão investindo na cadeia produtiva e na prospecção de novos mercados.

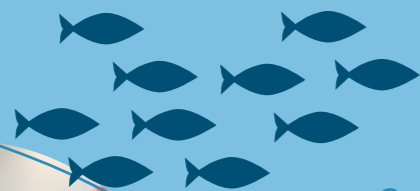
No Brasil, a tilápia é a espécie mais cultivada, por ser um peixe de água doce que se adapta muito bem em tanques. Os dados da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR), referentes a 2021, apontam que foram produzidas 534 mil toneladas, representando um aumento de 9,8% sobre o desempenho do ano anterior. A tilápia participou com 63,5% da produção nacional de peixes de cultivo. As exportações aumentaram em quase 50%, no ano passado, e em 30%, somente de janeiro a abril deste ano, na comparação com o mesmo período de 2021. Entre os países que mais consomem pescados brasileiros estão os Estados Unidos, o Japão e outras nações asiáticas.

Luciano Andrade, presidente da Coopindaia: "Nossa expectativa é que a população compreenda cada vez mais a importância de consumir produtos frescos e direto dos produtores."

Nos mercados interno e externo, a Cooperativa Agroindustrial Consolata (Copacol), do Paraná, é um dos grandes destaques do setor. Há 14 anos, os cooperados começaram a criar tilápia e a cooperativa passou a investir no processamento industrial. Atualmente, são cerca de 280 cooperados produzindo tilápias em 800 hectares de lâminas d'água. A média de peixes abatidos por dia chega a 170 mil, a maior produção na América Latina. Além do pescado, as duas plantas industriais da cooperativa trabalham com subprodutos como escamas, carcaça e vísceras, na produção de farinha de peixe.

"Apoiamos os cooperados em todas as etapas da cadeia produtiva. Desde o melhoramento genético, passando pela assistência técnica e orientações sobre ração e transporte", conta o presidente da Copacol, Valter Pitol. Ele complementa que "a venda de tilápias juntamente com a produção do frango tem sido um diferencial, do ponto de vista de logística. Enviamos as tilápias para outros Estados no mesmo caminhão frigorífico que leva o frango. Isso nos permite reduzir o preço para o consumidor final", pontua.

Pitol explica que o investimento em integração de culturas contribuiu para aumentar a renda dos cooperados e tem motivado uma nova geração a permanecer no campo. A cooperativa prioriza o cumprimento da legislação ambiental e está atenta aos critérios de sustentabilidade para garantir a ampliação desse mercado.



Cuidado com a água

A C.Vale Cooperativa Agroindustrial é outra coop paranaense bem-sucedida no setor da aquicultura. No ano passado, ela aumentou sua produção de tilápias em 20%. Atualmente, são 222 cooperados produzindo em 752 hectares de lâminas d'água.

“A demanda pela tilápia deve aumentar. O crescimento tem relação com a profissionalização da atividade, o desejo do consumidor por alimentos mais saudáveis e a capacidade da indústria em disponibilizar o produto cada vez mais fresco e em tempo recorde no ponto de venda”, avalia Paulo Roberto Poggere, gerente do Departamento de Peixes da C.Vale.

De acordo com ele, a cooperativa incentiva os produtores a adotarem a automação no manejo alimentar e no monitoramento dos parâmetros de oxigênio e água. Com isso, é possível programar e executar a alimentação das tilápias em condições favoráveis à performance produtiva, além de reduzir os custos produtivos e a degradação da qualidade de água.

“O auxílio da C.Vale no campo da inovação também se dá por meio de testes e análises técnico-financeiras preliminares, que comprovam os resultados de viabilidade de investimento na inovação, o que garante ao produtor retorno satisfatório na operação com o uso da tecnologia”, detalha Poggere.

A C.Vale recomenda procedimentos que visam a correção da qualidade de água e o uso racional do recurso hídrico, almejando, com o conjunto dessas ações, promover a conservação ambiental e a preservação do principal ativo ambiental para a aquicultura: a água. “Dessa maneira, promovemos a sustentabilidade da atividade, proporcionando a continuidade e o crescimento da produção”, conclui.

“APOIAMOS OS COOPERADOS EM TODAS AS ETAPAS DA CADEIA PRODUTIVA. DESDE O MELHORAMENTO GENÉTICO, PASSANDO PELA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E ORIENTAÇÕES SOBRE RAÇÃO E TRANSPORTE.”

Valter Pitol,
presidente da Copacol

O time da Coopindaia (DF) investiu em maquinário e câmaras frias. Próximo passo é abastecer o mercado de alimentação escolar.



Em busca de novos mercados

No Distrito Federal, a Cooperativa Mista da Agricultura Familiar, do Meio Ambiente e da Cultura do Brasil (Coopindaia) assumiu há dois anos a gestão do principal mercado do peixe da cidade, localizado na Central de Abastecimento da capital, a Ceasa. Além de garantir o espaço de venda para os 60 cooperados, a Coopindaia investiu ainda em maquinário e câmaras frias para o armazenamento dos produtos. O próximo passo é produzir carne de peixe processada para abastecer o mercado de alimentação escolar.

Luciano Andrade, presidente da Coopindaia, pondera: “Nossa expectativa é que a população compreenda cada vez mais a importância de se consumir produtos frescos e direto dos produtores. Queremos contribuir para a saúde de todos e esperamos que haja mais apoio para o nosso modelo de organização produtiva”.

Não há dúvidas de que a aquicultura oferece um oceano de possibilidades para o cooperativismo. A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) aposta em um crescimento do consumo de pescados e aponta números otimistas. O relatório da FAO “Estado Mundial da Pesca e Aquicultura” (SO-FIA), publicado em junho de 2020, estima que a produção total de peixes deve aumentar para 204 milhões de toneladas em 2030. Isso representa um incremento de 15% em relação a 2018, com a participação da aquicultura crescendo para além dos atuais 46%. De acordo com a organização, a aquicultura tem sido o setor de produção de alimentos que se expandiu mais rapidamente em todo o mundo nos últimos 50 anos, com crescimento médio de 5,3% ao ano, desde a virada do século.



Incentivo à produção cooperativa

As entidades de representação do cooperativismo estão atentas às oportunidades abertas para o mercado de peixe. No estado do Paraná, o Sistema Ocepar realiza ações de fomento à sustentabilidade da produção aquífera junto às cooperativas locais. Em parceria com o órgão estadual de extensão rural (IDR), será lançado o programa de capacitação e atualização continuada dos técnicos de campo, para que possam otimizar a assistência aos produtores.

“Um dos principais desafios do setor de aquicultura é o uso racional de água. A ração e a energia elétrica também pressionam as margens e fazem com que o manejo e a gestão da produção precisem ser mais eficientes, por parte do produtor”, explica Alexandre Monteiro, analista técnico da Gerência de Desenvolvimento Técnico da Ocepar. “Tecnologia para oferecer produtos que atendam à necessidade do consumidor é essencial, uma vez que o hábito de consumo está em constante evolução”, pontua.

Em Minas Gerais, o Sistema Ocemg colocou a responsabilidade socioambiental como um norte para os projetos desenvolvidos com as cooperativas de aquicultura. A partir de uma parceria com o Sicoob Aracoop, que financia os cooperados, a Ocemg orientou processos de regularização fundiária, implementação de estratégias de marketing e otimização do uso de insumos.

As compras coletivas de ração, por exemplo, possibilitaram a redução no preço final do pescado e ainda contribuíram para diminuir o desperdício desse insumo que tanto pesa nas contas dos cooperados, segundo Rouzeny Zacarias, analista de Educação e Desenvolvimento Sustentável da Ocemg.

“Temos hoje uma rede de colaboração que não envolve apenas as cooperativas, mas também inclui agricultores familiares da região. O trabalho em grupo não é fácil, mas é fundamental para garantir o desenvolvimento local”, destaca.



Pesca ou aquicultura?

Essa é a pergunta que não quer calar: Qual é a diferença entre esses dois tipos de atividade? São sinônimos? A pesca é definida por legislação — Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009 — como toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros; a aquicultura, é definida na mesma lei como atividade de cultivo de organismos cujo ciclo de vida em condições naturais se dá total ou parcialmente em meio aquático, implicando a propriedade do estoque sob cultivo, equiparada à atividade agropecuária. Com isso, a aquicultura permite a adoção de técnicas e tecnologias que garantem qualidade, padrão e maior escala para a produção.

O Brasil possui condições favoráveis tanto para atividade pesqueira quanto para a aquicultura. São cerca de 8.500km de costa marítima e 12% da água doce do planeta correndo em território brasileiro. Estudos de instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) têm auxiliado pescadores e aquicultores a aproveitarem melhor esses recursos.

A migração do modelo de pesca para aquicultura demanda investimentos, e uma boa opção para fazer essa virada é buscar o auxílio das cooperativas de crédito, cada vez mais atentas às potencialidades desse setor. ■

6 MOTIVOS PARA INCLUIR O PESCADO NA SUA ALIMENTAÇÃO

- Ajuda na prevenção de doenças cardiovasculares;
- Contribui para o controle dos níveis de colesterol;
- É rico em proteínas, vitaminas e minerais;
- Possui alta proporção de gorduras saudáveis (gorduras insaturadas);
- É fonte de ômega 3;
- Auxilia na manutenção de níveis adequados de triglicerídeos.

UMA NOVA onda

O COOPERATIVISMO ESTARÁ NOVAMENTE NA MÍDIA A PARTIR DE JUNHO, EM UMA NOVA ETAPA DA CAMPANHA SOMOSCOOP

Por Lílian Beraldo

Ganhar altura e chegar cada vez mais longe. Assim como uma onda — que vai e vem no mar, e nunca deixa de existir —, a comunicação do cooperativismo está mais forte para avançar, agora, com um novo objetivo: mostrar às pessoas o que é o cooperativismo, e as vantagens do nosso jeito de ser e de fazer negócios, preocupado com a sociedade e comprometido com a transformação do mundo em um lugar melhor para todos.

Com o mote “O coop faz muito e faz bem”, a nova campanha SomosCoop foi lançada neste mês de junho e tem o intuito de apresentar o cooperativismo e os impactos positivos que ele traz para toda a sociedade. Também quer mostrar que o coop pode de ser encontrado em todas as áreas da economia e faz, com excelência, tudo o que se propõe. Mais do que isso: o coop faz muito pelo Brasil, pelas comunidades em que atua e por todos os seus cooperados.

A campanha, novamente estrelada pelo tenista, mundialmente premiado, Gustavo Kuerten, será dividida em três grandes ondas, ou seja, três grandes momentos com mensagens distintas para o público, mas que compõem uma unidade entre si. A estratégia deste ano será fundamentada, com base nos seguintes conceitos:

1. O conhecimento do cooperativismo;
2. O impacto e a relevância do coop para a sociedade; e
3. O estímulo à sociedade para consumir de cooperativas.

Empatia

De acordo com a gerente de Comunicação do Sistema OCB, Samara Araujo, a primeira onda terá como objetivo explicar o cooperativismo. “No primeiro momento, vamos explicar que o cooperativismo é um jeito diferente de fazer negócio, que está presente em todos os setores da economia e que ele traz impactos positivos para toda a comunidade”, explica.

Segundo ela, uma pesquisa conduzida pelo Sistema OCB mostra que a divulgação do cooperativismo nacionalmente tem trazido resultados positivos a respeito do conhecimento e do reconhecimento do modelo de negócio coop. Entretanto, ainda há dificuldade no entendimento de alguns conceitos. Por isso, para a campanha deste ano, o objetivo é trabalhar com uma linguagem mais coloquial, simples e objetiva.

“Estamos buscando uma simplificação do discurso. Queremos que as pessoas que nunca ouviram falar do cooperativismo entendam, de um jeito simples, o que é o coop e o que ele faz para melhorar a vida das pessoas”, afirmou Samara.

A gestora conta que, há até pouco tempo, o cooperativismo era explicado como um modelo de negócio no qual as pessoas se juntam para obter melhores resultados. “Agora, em vez de usar ‘modelo de negócio’, falamos em ‘um jeito diferente de fazer negócio’, de forma colaborativa”.

A partir do fim de julho, com o lançamento do *Anuário do Cooperativismo Brasileiro* — documento que divulga os dados consolidados do setor —, tem início uma segunda onda, baseada em informações sobre a evolução e o impacto do coop brasileiro. Nesta etapa, o desafio é mostrar os números do coop, destacar como estamos presentes no dia a dia das pessoas, fazendo a diferença em suas vidas e na economia do país.

Por fim, na última fase da campanha, no último trimestre de 2022, será a hora de trabalhar o convencimento. Depois da sociedade entender o que é o cooperativismo e reconhecer sua importância, o cidadão será incentivado a escolher, conscientemente, o consumo de produtos e serviços de cooperativas.

“A pessoa está andando no supermercado e, se ela foi impactada nas outras ondas da campanha, ela entende o que é uma cooperativa, que ela traz impactos positivos, desenvolvimento econômico e social para todos os envolvidos. Então, durante as compras, ela vai pensar: em vez de comprar esse suco A, eu vou comprar esse suco coop. Em vez de escolher uma instituição financeira que vai remeter os lucros para acionistas fora do país, vou colocar o meu dinheiro numa instituição financeira cooperativa, porque sei que uma parte dos resultados vai voltar para mim e uma outra será reinvestida na minha comunidade”, explica Samara.

A nova campanha SomosCoop terá inserções em TV e rádio, peças para redes sociais, além de *outdoors* e *busdoors*. O Sistema OCB também disponibilizará peças para as Unidades Estaduais, que poderão definir estratégias de mídia de acordo com as características regionais.

Benefícios para todos

O Sistema OCB entende que, ao fazer uma campanha nacional sobre o cooperativismo, também está ajudando as cooperativas na ponta, que podem se beneficiar dessa estratégia para promover o seu próprio trabalho — somando e se aliando a esse esforço de comunicação.

“Quando a gente divulga o cooperativismo, a gente facilita o trabalho de comunicação das cooperativas. Porque grande parte das cooperativas precisa ficar se explicando. Se ela faz uma campanha para divulgar o produto ou serviço dela, metade do tempo ela gasta explicando o que é, como é o modelo de negócio dela”, explica Samara.

Siga o SomosCoop nas redes sociais e entenda porque o coop faz muito e faz bem!



@somoscoop



/somoscoop



/somoscoop



Carimbo SomosCoop

Desde o lançamento do movimento SomosCoop, o Sistema OCB desenvolveu um carimbo de livre uso pelas cooperativas. O intuito é que essa marca possa ser incluída nos produtos (na embalagem de um café, por exemplo) e nos serviços (nas carteirinhas dos planos de saúde), para identificar que aquilo que o consumidor está adquirindo carrega os valores do cooperativismo.

Centenas de cooperativas já utilizam o carimbo para diferenciar e valorizar aos próprios produtos. É o caso da Cocamar, cooperativa agroindustrial fundada em 1963, com a união de 44 cafeicultores do interior do Paraná.

“Utilizar a marca SomosCoop é uma forma de diferenciar os produtos das cooperativas perante os consumidores, transferindo a eles o seu conceito e prestígio. Se são de cooperativas, têm origem, qualidade e são confiáveis”, afirma o presidente executivo da Cocamar Cooperativa Agroindustrial, Divanir Higino.

Para a gerente de marketing da Frimesa, Elis D’Alessandro, o público formador de opinião costuma valorizar os produtos que seguem uma linha sustentável — e o cooperativismo pratica tudo isso desde o seu início, já que carrega essas preocupações em seu DNA.



“O CARIMBO SOMOSCOOP MOSTRA PARA O PÚBLICO QUE O NOSSO PRODUTO RESPEITA AS QUESTÕES DE SUSTENTABILIDADE E É SOCIALMENTE JUSTO.”

Elis D’Alessandro,
gerente de marketing
da Frimesa

“UTILIZAR A MARCA SOMOSCOOP É UMA FORMA DE DIFERENCIAR OS PRODUTOS DAS COOPERATIVAS PERANTE OS CONSUMIDORES.”

Divanir Higino,
presidente executivo da Cocamar
Cooperativa Agroindustrial

“NÓS USAMOS O CARIMBO PARA QUE AS PESSOAS CONSIGAM IDENTIFICAR NOSSOS PRODUTOS E SERVIÇOS QUE DEMONSTRAM A IMPORTÂNCIA DO COOPERATIVISMO.”

Ricardo Sílvio Chapla,
diretor-presidente da
Cooperativa Agroindustrial
Copagrill

“O carimbo SomosCoop mostra para o público que o nosso produto respeita as questões de sustentabilidade e é socialmente justo, porque as cooperativas estão à frente nesse cuidado com as pessoas, com o meio ambiente e com o desenvolvimento das comunidades. O cooperativismo tem essa cultura de pensar no todo e no resultado para todos”, avalia Elis, acrescentando que o carimbo agrega valor à marca.

Na Frimesa, cooperativa do setor de alimentos sediada em Medianeira, no Paraná, o carimbo SomosCoop pode ser visto em todas as caixas de expedição — aquelas que chegam aos supermercados — e em produtos como o hambúrguer, o leite e o iogurte.

Para o diretor-presidente da Cooperativa Agroindustrial Copagrill, Ricardo Sílvio Chapla, o carimbo facilita a identificação dos produtos, ajuda a criar uma forte ligação cooperativista e a demonstrar o orgulho de ser coop.

“Nós usamos o carimbo para que as pessoas consigam identificar nossos produtos e serviços que demonstram a importância do cooperativismo. Queremos que a pessoa saiba que, fazendo essa aquisição, ela gera um impacto positivo. Dentro da Copagrill, somos mais de 5 mil associados, a maioria de pequenos produtores rurais no oeste do Paraná e no sul do Mato Grosso do Sul”, explica Chapla.

Atualmente, o carimbo SomosCoop é usado em praticamente todas as embalagens de produtos de varejo da Copagrill, como macarrão, café, arroz, feijão, amido de milho, polvilho, pepino e azeitona.

Se você usa o carimbo SomosCoop em seus produtos ou comunicação, mande uma foto para gente! O e-mail é comunicacao@ocb.coop.br



Resultados concretos

Desde que a campanha SomosCoop passou a ser divulgada nacionalmente, na televisão, no rádio e na internet, aumentou o conhecimento das pessoas sobre o nosso jeito de ser e de fazer negócios. Quer uma prova?

Antes do lançamento da campanha publicitária de 2020, já com Gustavo Kuerten como embaixador do cooperativismo, o Sistema OCB realizou uma pesquisa para entender a compreensão dos brasileiros sobre o coop. No estudo, realizado em 2018, quando solicitados a “citar o nome de uma cooperativa que você conhece ou já ouviu falar”, apenas 44% dos entrevistados souberam responder. Em 2021, depois da divulgação maciça do SomosCoop, a mesma pergunta foi feita em uma nova pesquisa. Dessa vez, 70% dos entrevistados conseguiram citar o nome de uma cooperativa — um aumento considerável, de 26 pontos percentuais.

“Nossa campanha de comunicação ajudou, mas as cooperativas também têm um trabalho fundamental de divulgação do cooperativismo. Quando, por exemplo, a Unimed escolhe colocar o carimbo SomosCoop nas carteirinhas de todos os planos de saúde, ela está divulgando o movimento e gerando valor para o coop, e também para a Unimed. É um ganha-ganha. A gente faz um trabalho grande para divulgar o coop e mostrar seus benefícios, mas, com certeza, ele só gera resultado quando o público consegue identificar as cooperativas lá na ponta.” ■

Somos pioneiros

ATÉ NO SETOR DE ONGS

VOCÊ SABIA QUE A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL DE CARÁTER INTERNACIONAL DO MUNDO É COOPERATIVISTA? CONHEÇA MELHOR A HISTÓRIA E OS OBJETIVOS DA ACI NESTA MATÉRIA.

Por Lana Cristina

A república brasileira ainda não tinha completado seis anos quando, em 19 de agosto de 1895, um grupo de representantes de cooperativas de 13 países — Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Holanda, Índia, Inglaterra, Itália, Sérvia e Suíça — se reuniu em Londres para debater o futuro do cooperativismo. Naquela mesma data, nasceu a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), uma das organizações não governamentais mais antigas do mundo e uma das maiores, se considerarmos o número de pessoas representadas: 1 bilhão de cooperados.

De lá para cá, a ACI cresceu e hoje congrega cooperativas de 110 países-membros, incluindo o Brasil. A organização tem o nobre propósito de “unir, representar e servir as cooperativas de todo o mundo”. São quatro regionais: Europa (em Bruxelas), África (em Nairobi), América (em São José da Costa Rica) e Ásia-Pacífico (em Nova Delhi).

“A ACI tem o objetivo de promover os valores e o modelo de negócios cooperativistas, dar assistência aos governos nacionais na formulação de leis que aprimorem e fomentem o cooperativismo, também representar as cooperativas junto às organizações internacionais de interesse, como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a própria ONU”, explica João Marcos Martins, coordenador de Relações Internacionais do Sistema OCB.

Para facilitar seu trabalho de representação, a ACI tem escritórios dedicados a defender os interesses das cooperativas em diversos setores da economia — incluindo agricultura, crédito, consumo, pesca, saúde, habitação, seguros, indústria e serviços.

Resultados concretos

Associado à ACI desde 1989, o Sistema OCB compreende, com o passar dos anos, que ter uma atuação ampla, internacionalmente falando, é fundamental para aumentar a visibilidade e a representatividade das cooperativas brasileiras.

Hoje, a Casa do Cooperativismo é membro de 16 organizações internacionais voltadas para o cooperativismo ou que tratam dos interesses das cooperativas associadas ao sistema. A maioria delas é o que se chama organização internacional de direito privado, ou seja, não envolve governos.

“Muitas vezes, as pessoas olham para as iniciativas internacionais e têm dificuldade de ver resultados práticos, concretos e pragmáticos. E é comum confundir o interesse pelas transferências de conhecimento num fórum internacional, através de uma ação de *benchmarking* ou em uma viagem de prospecção de novos negócios, com ações de cunho pessoal. Mas, se a gente olhar para a história do Sistema OCB e para a nossa atuação na ACI, veremos muitos benefícios trazidos para o coop brasileiro”, constata o coordenador.

João Marcos conta que foi a partir dessa integração à ACI, em uma “iniciativa visionária do único brasileiro a presidir essa organização internacional, Roberto Rodrigues, que o Brasil passou a ter acesso a uma ampla variedade de boas práticas comerciais e de governança relacionadas ao cooperativismo”.

Ainda segundo João, se olharmos para trás, para a realidade do Sistema OCB em 1989, vemos que “éramos uma organização muito menor, que tinha apenas uma sala alugada em um prédio, em Brasília. Não tínhamos nem sede própria. Depois que começamos a nos relacionar e a fazer parceria com as cooperativas de outros países, crescemos como entidade de representação e, hoje, somos uma instituição respeitada nacional e internacionalmente”.

Para deixar mais clara a importância de estarmos presentes em fóruns internacionais do coop, basta dizer que foi a partir de uma missão do Sistema OCB à Alemanha que conseguimos alavancar o cooperativismo financeiro e de infraestrutura no Brasil.

“Na década de 1990, a DGRV, que é a organização representativa das cooperativas na Alemanha, veio para o Brasil transferir conhecimento e nos ensinar o caminho para reforçar a solidez do cooperativismo de crédito. Essa parceria influenciou a criação de secretarias regulatórias de cooperativas dentro do Banco Central, que ajudaram a alavancar o crescimento das cooperativas e viabilizaram a criação do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FG-Coop)”, conta.

Ainda na opinião do coordenador de Relações Internacionais do Sistema OCB, o principal benefício da atuação da entidade em organismos internacionais é ter acesso a boas práticas, conhecimentos e experiências que permitiram ao Sistema OCB ajudar as cooperativas brasileiras a profissionalizarem a sua governança e sua gestão.



“ESSA É UMA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL MISTA, COM REPRESENTANTES DE GOVERNOS E DE ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS QUE REGULAM E FOMENTAM AS COOPERATIVAS. NÃO É UMA ORGANIZAÇÃO DE DIREITO PRIVADO.”

João Marcos Martins,
coordenador de
Relações Internacionais
do Sistema OCB

Representatividade

De todas as entidades setoriais que a ACI tem em sua estrutura, o Sistema OCB é uma das que atuam mais ativamente nos ramos Trabalho e Agropecuário. Essa atividade ocorre, respectivamente, na Organização Internacional das Cooperativas Agropecuárias (ICAO), e na Organização Internacional das Cooperativas de Trabalhadores da Indústria, Artesanato e Serviços — que representa todas as cooperativas dos ramos Trabalho, Educacional, Produção, Mineral e Turismo (Cicopa).

“Além desse grande sistema chancelado pela ACI, fazemos parte da Organização Internacional das Cooperativas de Plataforma, formada recentemente, em 2019, com sede em Nova York. Essa entidade fomenta essa nova fase do cooperativismo, que se dá através das plataformas digitais”, observa João Marcos.

E a atuação internacional do Sistema OCB não para por aí. No ano passado, nossa entidade de representação fechou parceria com uma grande rede de escolas de negócios voltada para cooperativas, que hoje tem representantes em 42 países — como as universidades como Oxford, na Inglaterra; a *The New School* de Nova York, e a Universidade de Bolonha, na Itália. O objetivo é, por meio da capacitação, melhorar o ambiente de negócios das cooperativas e dos cooperados.

Em âmbito regional, na América do Sul, também fazemos parte da reunião de cooperativas especializada do Mercosul, formada em 2001 para integrar as legislações do setor e as cooperativas dos quatro países do Mercosul: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. “Essa é uma organização internacional mista, com representantes de governos e de órgãos governamentais que regulam e fomentam as cooperativas. Não é uma organização de direito privado, puramente”, detalha João Marcos.

A Casa do Cooperativismo é, um dos nove representantes do Brasil no Fórum Econômico e Social do Mercosul, órgão ligado diretamente ao secretariado do bloco econômico. Na lista, adiciona-se a participação na organização cooperativista dos países de língua portuguesa, formada em 1997, com sede em Lisboa, que reúne as entidades representativas de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor-Leste. O papel dessa entidade é fomentar a intercooperação e o desenvolvimento das cooperativas nos países lusófonos.

Outros fóruns somam-se à lista: o Brics-Coop — reunião especializada das organizações representativas do bloco econômico que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul; e a Federação Latino-americana do Leite (Fepale), principal organização continental dos produtores de leite. “Neste caso, não é uma entidade cooperativa, mas, como no Brasil a maioria dos produtores leiteiros está organizada em cooperativas, e nós aqui representamos o cooperativismo de laticínios do Brasil, então, integramos com a Fepale”, conta o coordenador.

Além disso, o Sistema OCB articula com organismos internacionais de direito público — como ONU, FAO, OEA, OIT, OCDE — para a representação dos interesses das cooperativas brasileiras.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Ariel Guaco, presidente da ACI

PRESIDENTE REELEITO

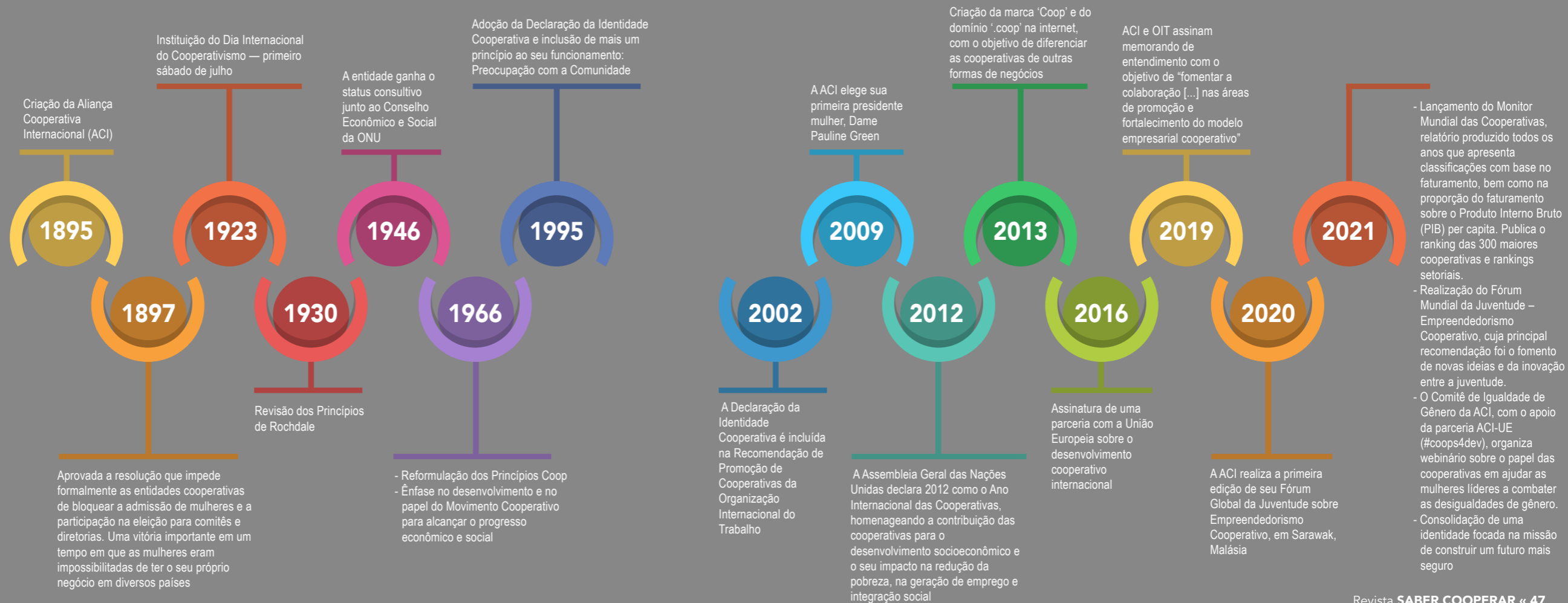
No último dia 20 de junho, Ariel Guarco foi reeleito presidente da ACI. Seu novo mandato, de quatro anos, será marcado pela revisão da identidade do coop em todo o mundo.

“Me sinto honrado com esta reeleição. Durante os últimos quatro anos, dei o melhor de mim para cumprir o que prometi e ofereço mais uma vez meu compromisso, minha dedicação e o meu entusiasmo para continuar em uma nova etapa onde possamos consolidar novas conquistas”, afirmou Guarco, que é cooperativista desde a juventude.

Nascido na Argentina, Ariel Guarco consolidou sua liderança no coop dentro, da Cooperativa Elétrica de Coronel Pringles. Em 2008, tornou-se a autoridade máxima da Federação das Cooperativas de Energia Elétrica e de Serviços Públicos (FEDECOBA). Em 2011, foi eleito Presidente da Confederação Cooperativa da República Argentina (COOPERAR). Hoje, representa o movimento cooperativo no Instituto Nacional de Economia Social da Argentina. Foi membro do Conselho de Cooperativas das Américas (2014-2018) e eleito Presidente da ACI em novembro de 2017. É autor de dois livros: Cooperativismo Argentino, Um Olhar Esperançoso para o Futuro (2013) e Princípios Cooperativos em Ação Abordando os Desafios da Agenda Global de Hoje (2020).

Como bem explicou o coordenador de Relações Internacionais do Sistema OCB, João Marcos Martins, a ACI tem um papel muito importante e muito difícil ao mesmo tempo, que é representar um movimento que reúne mais de um bilhão de pessoas das mais diferentes bagagens, religiões e línguas. “O cooperativismo é uma das poucas línguas globais que a gente tem. Tive a oportunidade de visitar cooperativas tanto no Fiji, como na Rússia, em Botsuana, e todas têm esse ponto em comum de dizer que ‘sou coop’, ‘sou cooperativa’”, explica João. ■

AVANÇO DA ATUAÇÃO DA ACI AO LONGO DO TEMPO





**INO
VA
ÇÃO** +

sustentabilidade

**QUER SE INSPIRAR EM SEIS
PROJETOS DE INOVAÇÃO
QUE ESTÃO ALAVANCANDO
O AGRONEGÓCIO DA UNIÃO
EUROPEIA?**

Por Janaína Camelo

Já imaginou utilizar um substituto do plástico 100% sustentável? Há uma alternativa feita da casca de arroz que, de quebra, contribui para a redução do impacto nocivo que o plástico traz à natureza. E ter a oportunidade de oferecer no mercado carne bovina produzida a partir de um processo de abate que reduz a emissão de carbono (CO₂), enquanto é apoiado por um programa de segurança financeira? Quem sabe, ainda, ter à disposição de sua produção agrícola uma plataforma digital que utiliza inteligência artificial com mais de 100 funcionalidades, capaz de otimizar todo o processo produtivo do seu negócio? Esses são apenas alguns exemplos de ideias inovadoras vencedoras da 5ª edição do Prêmio Europeu de Inovação Cooperativa, realizado, neste ano, pela Confederação Europeia de Cooperativas Agropecuárias (Cogeca).

Idealizado para promover boas práticas, projetos e serviços inovadores prestados por cooperativas do "velho mundo", o prêmio teve nesta edição como tema a sustentabilidade e contou com mais de 100 projetos inscritos. A entrega das premiações aconteceu na cidade de Bruxelas, Bélgica, no último mês de abril. Conheça as cooperativas premiadas.

EM NÚMEROS



20 mil agricultores
suecos associados



10 mil funcionários,
em mais de 20 países



30 milhões
de euros investidos em pesquisa
e desenvolvimento, por ano



5 bilhões
de euros em faturamento anual



Em 2020, evitou o uso de
2 milhões de litros de
agrotóxicos



Conheça melhor
a ThermoSeed

1 Pegada verde

COOPERATIVA LANTMÄNNEN — SUÉCIA
Prêmio de Recursos Naturais e Biodiversidade
— ThermoSeed, a semente mais pura!

Desenvolver uma agricultura mundial mais sustentável até 2050 é o objetivo que impulsionou a cooperativa sueca Lantmannen a criar uma tecnologia biológica capaz de produzir sementes super-resistentes a pragas e doenças, além de tratar infecções transmitidas. E sem a utilização de produtos químicos. A novidade chegou anunciando as seguintes vantagens: a redução no uso de agrotóxicos, diminuição dos custos ao produtor e promoção da sustentabilidade.

A tecnologia recebeu o nome de ThermoSeed e utiliza um método biológico exclusivo de tratamento térmico que produz sementes saudáveis tanto para o cultivo convencional como para o orgânico. O processo é um tipo de pasteurização que utiliza o ar quente e úmido para neutralizar a infecção da semente sem comprometer sua germinação, que por sua vez, é estimulada, resultando na produção de plantas mais fortes.

A cooperativa Lantmannen levou o prêmio de Recursos Naturais e Biodiversidade por minimizar o uso de produtos químicos no setor agrícola. Em 2020, a ThermoSeed economizou 2 milhões de litros de pesticidas usando a tecnologia em 1 milhão de hectares de terras.

Desenvolvido em parceria com a Universidade Sueca de Ciências Agrícolas, em um processo de inovação aberta, o método fabricado pela cooperativa também é utilizado em plantações na Noruega, Finlândia, Suíça e França, além de ser produto de negócios nos Estados Unidos e no Japão. A lista tem tudo para crescer mais, já que, segundo a Lantmannen, a demanda pelo ThermoSeed é cada vez maior, diante da preocupação global em diminuir a emissão de carbono e o uso de agrotóxicos.

“Estamos felizes em ver mais agricultores utilizando nossas sementes. Este é o caminho certo para o produtor e o meio ambiente”, comentou Anders Krafft, CEO da Lantmännen BioAgri ao receber a notícia do prêmio.



2 Economia circular

COOPERATIVA CÀMARA ARROSSERA DEL MONTSIÀ — ESPANHA
Prêmio de Bioeconomia e Circularidade —
Projeto Oryzite

Inventar uma alternativa ao plástico feita à base da casca de arroz em uma estratégia de produção de economia circular levou a cooperativa Càmara Arrossera del Montsià, da Espanha, a receber o prêmio de Bioeconomia e Circularidade.

Após mais de uma década em pesquisas, a cooperativa chegou ao Oryzite, nome dado a um produto biodegradável que pode ser incorporado a qualquer produto termoplástico para minimizar os danos ambientais causados pelo descarte incorreto desse material na natureza. “Dizemos que quanto mais quilos de Oryzite você coloca no mercado, menos quilos de plástico você libera no meio ambiente e, ao fazê-lo, reduz a pegada de carbono”, explica a cooperativa. O material tem potencial para substituir o plástico em diversas indústrias, como a automotiva, logística, de embalagens e móveis.

O Oryzite tem sido utilizado com sucesso no processo de embalagem da própria cooperativa e reduziu, em até 85%, o uso do plástico comum. O impacto dessa mudança teve resultado prático: 145.600.000kg de CO₂ a menos na atmosfera.

A fabricação do novo produto é um exemplo claro de economia circular e de bioeconomia. Afinal, o Oryzite é produzido a partir dos resíduos da produção de arroz, o que garante o aproveitamento total do grão.

Além de agregar valor a um subproduto, a produção usa menor quantidade de recursos, que reflete em menos resíduos. O plano estratégico tem chamado atenção da indústria, que vê na inovação uma solução para tornar suas plantas produtivas mais sustentáveis.

EM NÚMEROS



2,5 mil associados



+10 anos
de pesquisa da Oryzite



Até **85% menos** plástico
na embalagem dos produtos
próprios



145.600.000kg de gás
carbono (CO₂) a menos na atmosfera
até agora, com a nova tecnologia



Conheça melhor
a TheOryzite

EM NÚMEROS



35 agricultores

com certificação orgânica associados



66%

dos produtos comercializados são locais



5 toneladas

de plástico a menos com o uso de embalagens biodegradáveis, por ano



Jovens em situação de risco social inseridos no mercado de trabalho e na escola



Conheça melhor a Mans

3 Responsabilidade socioambiental

COOPERATIVA MANS — ESPANHA

Prêmio de Criação de Valor Social — Iniciativa Xarxa Agrosocial

A espanhola Mans, cooperativa de produtores de frutas e hortaliças orgânicas da região metropolitana de Barcelona, foi premiada pelo seu trabalho dedicado ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Um dos objetivos da Mans é gerar vagas de emprego àqueles em dificuldade — em especial, os jovens com risco de exclusão —, oferecendo também a inserção deles no ambiente escolar.

“Com o projeto de emprego inclusivo geramos trabalho, por meio da terra, com o agricultor na produção de frutas e hortaliças orgânicas, bem como com sua posterior transformação e comercialização até chegar ao consumidor final”, explica Jordi Balari, gerente da Cooperativa Xarxa Agrosocial (MANS), que falou com exclusividade à **Saber Cooperar**.

Promovida pela Fundação Catalunya La Pedrera, a ação conta também com o apoio de renomados atores sociais, como as prefeituras locais e entidades dedicadas ao trabalho assistencial, com o cofinanciamento da União Europeia e do Fundo Social Europeu.

A Mans conta com 35 agricultores associados, todos com certificação orgânica. Hoje, 66% dos produtos comercializados são de áreas agrícolas da região. A cooperativa se dedica também ao processamento e envasamento das frutas e hortaliças orgânicas utilizando embalagem biodegradável, a primeira comercializada em redes de supermercados. Com a tecnologia, a cooperativa estima que, por ano, cerca de cinco toneladas de plástico deixam de ser descartadas no meio ambiente.

Além disso, como plano estratégico de redução de custo e economia, a cooperativa comercializa, principalmente, frutas e legumes de época, e processa alimentos e sumos de fruta com o objetivo de esgotar os excedentes sazonais da produção.

“Este é um projeto em crescimento, que gera trabalho ao agregar outros valores, como a proximidade e defesa dos agricultores, a busca pela excelência no produto, a sustentabilidade dos processos de embalagem e transformação, a luta para ser *premium* na grande distribuição, e a contribuição para a cultura da alimentação mais saudável. A criação de empregos duradouros, por meio deste modelo de negócio de sucesso, é um instrumento privilegiado para contribuir para a igualdade de oportunidades”, destaca Balari.

4 Digital

COOPERATIVAS DE FRUTAS E LEGUMES DA BÉLGICA — BÉLGICA

Prêmio de Rastreabilidade e Informação ao Consumidor — Care4Growing

Já pensou contar com uma plataforma digital que utiliza da inteligência artificial para lhe oferecer um suporte completo de todo o processo de cultivo de sua produção? Desde a semeadura até a comercialização, como o melhor momento de colheita e fornecimento do produto ao cliente, alerta prévio de doenças e pragas, compartilhamento de informações entre os diversos produtores da mesma cultura, e a rastreabilidade. Pois essa é uma realidade para os produtores associados às Cooperativas de Frutas e Legumes da Bélgica, que utilizam a plataforma Care4Growing. A coop foi a ganhadora do Prêmio de Rastreabilidade e Informação ao Consumidor.

A inovação conta com ao menos 100 funcionalidades diferentes, incluindo um assistente virtual, com capacidade analítica para otimizar o trabalho produtivo na cadeia de suprimentos e oferecer o melhor produto ao consumidor, com base em um banco de dados que conta hoje com informações de mais de 3 mil produtores.

“A digitalização está trazendo uma evolução e revolução na agricultura e horticultura, e pode ser comparada com a introdução do trator. A Care4growing fornecerá o roteiro e apoio adequado ao agricultor e à organização de produtores para lidar com isso”, anunciam os idealizadores em seu site.

As cooperativas esperam atrair um número ainda maior de produtores dentro da plataforma, expandindo o banco de dados usado pela inteligência artificial, o que poderá aumentar ainda mais a capacidade funcional da ferramenta. A ideia é integrar todos os *players* envolvidos no ecossistema do mercado de frutas e vegetais do país.

“A Care4Growing forma um verdadeiro ‘ecossistema digital’, que expandirá seus serviços com novas funcionalidades para beneficiar o produtor e seus parceiros. Uma cooperação única que muda radicalmente a forma como todo o setor opera”, explica o anúncio da tecnologia.

EM NÚMEROS



3 mil produtores

agrícolas formam hoje a base do assistente virtual



Ao menos **100** funcionalidades digitais



Mapeamento,

desde o cultivo até a comercialização



830 milhões de euros faturam por ano as três principais cooperativas que integram o Care4Growing

Conheça melhor a Care4Growing



O líder do projeto belga Care4Growing, Steven Boen, falou com exclusividade para a **Saber Cooperar** sobre a experiência de investir em inovação de forma intercooperativa. A plataforma, foi criada a partir de um estudo de estratégia das três maiores cooperativas de frutas e legumes da Bélgica, ainda em 2019.

Segundo ele, as maiores vantagens de intercooperar são a economia financeira e a oportunidade de crescimento e avanço simultâneos entre todos os agricultores. “Vocês podem fazer muito mais e melhor juntos do que sozinhos. Se tornam mais inteligentes juntos e adquirem novos *insights* juntos, ampliando seu conhecimento e aprendendo uns com os outros”, enfatiza.

Programada em 2020, a Care4Growing foi disponibilizada aos produtores no início de 2021. “Trata-se de um sistema de gestão de culturas, que proporciona aos produtores uma vasta gama de ferramentas para o cultivo. A plataforma fornece proativamente informações aos produtores sobre o que estão cultivando”, explica Boen.

De lá para cá, nem tudo foi fácil. A falta de conhecimento e habilidade com novas tecnologias dos cooperados foi um dos desafios, além das dificuldades em atender às exigências da própria plataforma.

“Foi preciso explicar às pessoas como funciona um projeto de TI [tecnologia da informação] e que este é um processo de melhoria constante e evolutivo. Também foi necessário configurar uma arquitetura de TI que pudesse gerenciar qualquer coisa, com segurança muito rígida, para que as pessoas certas pudessem acessar os dados certos. Para configurar uma plataforma com diferentes partes, todas precisam estar na mesma página. Para compartilhar a mesma visão, objetivos e prioridades e tomar todas as decisões em conjunto.”

Boen dá um recado às cooperativas brasileiras que querem fazer a diferença aliadas à tecnologia: “Vocês podem se adaptar facilmente ao futuro. Aprendam juntos a fazer negócios digitais”.

“TRATA-SE DE UM SISTEMA DE GESTÃO DE CULTURAS, QUE PROPORCIONA AOS PRODUTORES UMA VASTA GAMA DE FERRAMENTAS PARA O CULTIVO. A PLATAFORMA FORNECE PROATIVAMENTE INFORMAÇÕES AOS PRODUTORES SOBRE O QUE ESTÃO CULTIVANDO.”

Steven Boen,
líder do projeto Care4Growing,

5 Novo produto lácteo

COOPERATIVA PIATNICA — POLÔNIA

Prêmio de Produto Inovador — Coquetel de proteína de soro de leite fresco

A tecnologia usada pela cooperativa polonesa de laticínios Piatnica, capaz de transformar o soro do leite — resíduo geralmente comercializado em pó a preços mínimos no mercado — em um produto de extremo valor, sem nenhum tipo de processamento, foi eleita a vencedora do Prêmio de Produto Inovador pela Co-geca. Por não ser processado, o coquetel é o primeiro produto desse tipo no país.

O coquetel de proteína do soro de leite fresco se tornou um dos principais produtos da cooperativa, que só no primeiro ano de vendas (2020), mesmo com as intercorrências causadas pela pandemia, conseguiu arrecadar 2 milhões de Zloty. O sucesso de vendas fez a coop aumentar em cinco vezes esse valor como meta para os períodos seguintes.

Além de empreender uma série de medidas para mitigar o impacto negativo no meio ambiente, a cooperativa Piatnica é uma importante produtora de queijos, requeijão, iogurtes e outros derivados do leite na Polônia; por isso, produz o soro de leite em alta escala.

Em busca de formas alternativas de rentabilizar esse subproduto, decidiu investir em pesquisas que foram capazes de isolar a proteína do soro de leite usada no coquetel. Hoje, a rentabilidade do novo produto supera consideravelmente a renda que a cooperativa recebe com a venda do soro de leite em pó.

Saúde: a proteína é vendida em porções já preparadas para consumo, misturadas a derivados de frutas naturais e disponível em três sabores. Cada garrafa contém 28g de proteína e 307mg de cálcio, que cobrem, respectivamente, 56% e 38% dos valores de referência de nutrientes para um adulto.

EM NÚMEROS



Primeiro e único
produto desse tipo produzido na Polônia



2 milhões

em moeda polonesa com as vendas do coquetel, em 2020



Meta de **aumentar** em até cinco vezes a receita para os próximos trimestres



A **inovação** garante maior sustentabilidade nos processos de produção da cooperativa.

Conheça melhor a Piatnica



6 Produção rastreada

EM NÚMEROS



+6 mil fazendas
familiares associadas



20 mil
bezerros no ano piloto
do programa



No terceiro ano, a meta passou
para **70 mil** bezerros



Mercado garantido e
segurança
financeira aos associado



Conheça melhor
a Glanbia

COOPERATIVA GLANBIA — IRLANDA

Prêmio de Apoio aos Membros
Agricultores — Twenty20 Beef Club

A cooperativa Glanbia, de produtores de carne bovina na Irlanda, venceu o Prêmio de Apoio aos Membros Agricultores pela criação do programa Twenty20Beef Club, que assegura a rentabilidade dos associados oferecendo um mercado garantido com preços previsíveis.

Mais de seis mil famílias pecuaristas integram a cooperativa irlandesa. Além disso, os membros da Glanbia trabalham com um modelo de produção que tem por objetivo reduzir a pegada de carbono da carne bovina produzida.

Quem participa do Twenty20BeefClub conta com uma segurança financeira sustentada por preços *premium*, além de ter a opção pelo “pagamento antecipado” para aliviar a pressão do fluxo de caixa e regularizar sua renda. O beneficiário tem também o apoio de um programa abrangente de suporte técnico.

Segundo a cooperativa, seus associados trabalham com margens apertadas e dependem, substancialmente, de pagamentos de apoio. O valor dos prêmios e bônus disponíveis aos membros do Clube “é um divisor de águas, em termos de renda agrícola”.

O Twenty20Beef integra o padrão de cadeia de fornecimento de insumos totalmente rastreável, priorizando as demandas de cada cliente. Aliado a esse fator, o valor adicional gerado pela produção sustentável de carne bovina é uma das principais vantagens vistas pelos agricultores.

“O Twenty20 Beef Club é um modelo inovador de produção de carne bovina que está integrado em toda a cadeia de suprimentos e tem em seu coração a sustentabilidade econômica e ambiental de longo prazo aos nossos membros agricultores”, informa a Glanbia.

Inovação nas coops brasileiras

Disposto a fomentar a inovação no cooperativismo, o Sistema OCB acaba de lançar a segunda edição do programa ConexãoCoop, com foco exclusivo nos desafios das coops agropecuárias. O objetivo do concurso é conectar *startups* que trabalham com o setor (*agritechs*) com as nossas cooperativas.

Para esta edição, foram escolhidos **5 desafios** que talvez possam beneficiar a sua coop. Confira:

- 1 Como integrar o processo de logística com ênfase na comunicação entre o cooperado e a cooperativa?
- 2 Como precificar o leite longa vida no mercado, da indústria para o varejo?
- 3 Como fracionar produtos de pesos e formas variadas em pedaços de pesos exatos?
- 4 Como estimar e prever a produção e colheita de amendoim?
- 5 Como promover o encontro da demanda com a oferta dos serviços dos profissionais cooperados?

Vale destacar que o Brasil é o campeão no avanço de produtividade agrícola. O agronegócio brasileiro teve o maior avanço em produtividade entre 2000 e 2019, em todo o mundo, segundo estudo publicado em junho pelo Instituto de Pesquisa e Estatística (Ipea). A média global de crescimento na produtividade foi de 1,66%, ao ano, no período. No Brasil, a taxa foi de 3,18%, quase o dobro. O estudo destaca que o crescimento se deu principalmente por investimentos em novas tecnologias e pesquisa, além de expansão do crédito para financiar a produção. ■



Para saber mais
sobre o programa
ConexãoCoop,
acesse nosso site

7 prioridades DO COOP PARA 2022

CONFIRA AS PRINCIPAIS PAUTAS DA AGENDA INSTITUCIONAL DO COOPERATIVISMO

Por Alessandro Mendes

“Cooperativismo é movimento; então, há muito a ser feito para trazer ainda mais benefícios para as cooperativas e para a sociedade.” A frase do presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, traduz perfeitamente a orientação da Casa do Cooperativismo neste primeiro ano pós-pandemia. Nosso time de cientistas políticos, analistas de negócios e juristas está atento a tudo que acontece nos Três Poderes e que pode impactar as cooperativas e os cooperados; para guiá-los nesse trabalho, identificamos as principais demandas das mais de 4,8 mil cooperativas do país. Elas foram compiladas na **Agenda Institucional do Cooperativismo 2022**, que reúne 44 temas de impacto do setor, sendo que sete temas guiarão a atuação do Sistema OCB até o fim do ano.

Em 2021, o coop obteve importantes avanços, apesar das limitações impostas pela pandemia, e o objetivo para este ano é conquistar ainda mais. “Somos um instrumento para que novas oportunidades sejam estabelecidas e pretendemos continuar a construir, junto com os Três Poderes da República, as políticas públicas que fortalecem o coo-

perativismo e seus princípios — o que, por consequência, gera mais oportunidades e prosperidade para o Brasil”, completa Lopes de Freitas.

Conheça, a seguir, as sete pautas prioritárias do cooperativismo para 2022 e saiba como o Sistema OCB vem atuando na garantia dos interesses das cooperativas brasileiras.

1 ADEQUADO TRATAMENTO TRIBUTÁRIO DO ATO COOPERATIVO NA REFORMA TRIBUTÁRIA

Garantir que a Reforma Tributária seja justa para os mais de 17 milhões de cooperados brasileiros é prioridade máxima para todo o movimento cooperativista. E isso só será possível com o reconhecimento das características tributárias específicas do cooperativismo nas **Propostas de Emenda Constitucional** relacionadas a essa reforma (PEC 110/2019, no Senado, e PEC 7/2020, na Câmara).

Desde o início da tramitação da proposta, em 2019, o Sistema OCB vem atuando para que o adequado tratamento tributário ao Ato Cooperativo esteja contemplado na Reforma e para que sejam protegidas as conquistas já alcançadas até o momento pelo coop. Entre essas conquistas tributárias estão o reconhecimento

O Ato Cooperativo engloba as transações praticadas entre as cooperativas e seus associados, entre estas e aquelas, e pelas cooperativas entre si quando associadas, para a consecução dos objetivos sociais. Como essas transações não visam o lucro, elas devem ter uma tributação adequada, para garantir melhores resultados para todo o grupo de cooperados — que pagam impostos como pessoa física. Caso seja considerado o adequado tratamento tributário ao ato cooperativo, poderá incorrer em duplicidade de tributação, na cooperativa e no cooperado — o que não acontece com empresas comerciais, que são tributadas apenas no CNPJ.

da não incidência de Imposto de Renda sobre Pessoa Jurídica (IRPJ) e de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) sobre os atos cooperativos e as exclusões de base de cálculo da Contribuição para o Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) concedidas a alguns segmentos, como táxi, agropecuário, crédito e eletrificação, por leis ordinárias ou normas internas da Receita Federal.

“Por expressa definição legal, o Ato Cooperativo não é ato comercial e, portanto, não implica operação de mercado, nem contrato de compra e venda de produto ou mercadoria”, explica Márcio Lopes de Freitas. “O adequado tratamento tributário às cooperativas não é sinônimo de privilégio, não configura benefício ou isenção tributária. É um redirecionamento da incidência tributária da pessoa jurídica da cooperativa para a pessoa física ou jurídica do cooperado, visto que a fixação da riqueza se dá no cooperado. Na cooperativa, há apenas o abatimento dos custos para a prestação do serviço ao cooperado”, completa.

Segundo a gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Clara Maffia, o projeto original da PEC 110 não contemplava as demandas do cooperativismo. “Fizemos, então, uma série de reuniões com o relator do projeto, o senador Roberto Rocha (MA), e com o governo federal, para deixarmos claro nosso ponto de vista. Realizamos também uma mobilização muito grande com vários parlamentares”, conta.

“O ADEQUADO TRATAMENTO TRIBUTÁRIO ÀS COOPERATIVAS NÃO É SINÔNIMO DE PRIVILÉGIO, NÃO CONFIGURA BENEFÍCIO OU ISENÇÃO TRIBUTÁRIA. É UM REDIRECIONAMENTO DA INCIDÊNCIA TRIBUTÁRIA DA PESSOA JURÍDICA DA COOPERATIVA PARA A PESSOA FÍSICA OU JURÍDICA DO COOPERADO, VISTO QUE A FIXAÇÃO DA RIQUEZA SE DÁ NO COOPERADO.”

Márcio Lopes de Freitas,
presidente do Sistema OCB

Clara destaca que a mobilização surtiu o efeito desejado. “Quando a PEC foi pautada pela primeira vez na CCJ, vários senadores reforçaram a importância do cooperativismo. Dos 10 que estavam presentes, sete enfatizaram que o Ato Cooperativo deveria ser incluído na reforma”, afirma. “E, como consequência disso, acabamos sendo procurados pelo gabinete do relator e conseguimos avançar para um texto que, apesar de não ser o ideal, contempla grande parte das nossas demandas”, completa.

Mesmo ainda estando em análise pela CCJ e com a tramitação desacelerada — sobretudo por ser um ano eleitoral —, o presidente do Sistema OCB se mostra otimista com a manutenção do Ato Cooperativo na Reforma Tributária. “Conseguimos um avanço importante junto ao relator, o senador Roberto Rocha, que, com certeza, será ratificado na CCJ e no plenário”, avalia Márcio Lopes de Freitas.

Atualmente, a PEC 110/2019 está aguardando votação na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal.

2 SEGURANÇA JURÍDICA PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES POR COOPERATIVAS

Após ser aprovado na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 8.824/2017, que trata sobre o tema, ganhou nova numeração (PL 1.303/2022) e aguarda o aval do Senado. O projeto será analisado pelas Comissões de Assuntos Econômicos (CAE), e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT), em caráter terminativo, ou seja, se aprovado sem modificações, seguirá para sanção presidencial sem a necessidade de aprovação do plenário.

Embora a quantidade de usuários e de serviços *on-line* tenha aumentado nos últimos anos, ainda persistem muitos espaços vazios de conectividade, sobretudo nas áreas rurais. De acordo com o último *Censo Agropecuário*, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2017, 71,8% das propriedades localizadas no campo não possuem conectividade.

“Na prática, em mais de 3,64 milhões de propriedades rurais não há internet, nem mesmo para atividades básicas, como a emissão de uma simples nota fiscal eletrônica. Co-

municação, acesso à educação e ao entretenimento são outras finalidades importantes que também ficam restritas, dado os atuais desafios de acesso à internet no campo. Para a atividade produtiva, os avanços na conectividade visam melhorar processos como os de rastreabilidade e de assistência técnica, bem como para a implementação de estratégias importantes, a exemplo da agricultura de precisão”, destaca o presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), deputado federal Evair de Melo (ES).

Para Márcio Lopes de Freitas, as cooperativas de infraestrutura têm capacidade para oferecer internet rural às cooperativas agrícolas. “Elas já têm parte dos insumos necessários e algumas até já prestam esse serviço, principalmente no sul do país. Por isso, nossa ideia é promover esse casamento de necessidades, fortalecendo cada vez mais nosso setor produtivo”, destaca.

Segundo a gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Clara Maffia, não há um impedimento legal para que as cooperativas atuem na área de telecomunicações, mas, muitas vezes, quando elas vão à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) solicitar autorização, o pedido acaba sendo negado. “O que nós precisamos é garantir segurança jurídica para essa atuação, para que o setor não fique dependente de uma interpretação da legislação atual”, ressalta.



Saiba mais sobre os impactos da reforma tributária no cooperativismo

A maior cooperativa de eletrificação em extensão de redes do país, a Coprel, vem atuando, por meio de uma empresa parceira, a Coprel Telecom, na prestação de serviço de banda larga no interior do Rio Grande do Sul. “Esse modelo, de criar uma empresa, tem sido usado por várias cooperativas para a prestação do serviço de telecomunicações. Mas o modelo está longe do ideal, porque as cooperativas acabam ficando em um limbo legal, o que impede o crescimento do serviço”, destaca o presidente da Coprel, Jânio Vital Stefanello, também coordenador do Conselho Consultivo do Ramo Infra do Sistema OCB.

Segundo Stefanello, a prestação de serviços de telecomunicações por cooperativas tem se mostrado bem-sucedida em outros países, como Estados Unidos e Argentina. “Nesses locais, as cooperativas começaram com TV a cabo; depois, foram para a telefonia; e, então, para a internet. Isso foi se desenvolvendo e hoje esses dois países têm sistemas altamente consolidados”, conta. “Enquanto isso, no Brasil, as cooperativas reduzem os investimentos nesse setor devido à falta de segurança jurídica”, completa.

Stefanello destaca que o acesso à internet em banda larga é uma das principais demandas dos produtores rurais. “É uma necessidade muito

“NA PRÁTICA, EM MAIS DE 3,64 MILHÕES DE PROPRIEDADES RURAIS NÃO HÁ INTERNET, NEM MESMO PARA ATIVIDADES BÁSICAS, COMO A EMISSÃO DE UMA SIMPLES NOTA FISCAL ELETRÔNICA. COMUNICAÇÃO, ACESSO À EDUCAÇÃO E AO ENTRETENIMENTO SÃO OUTRAS FINALIDADES IMPORTANTES QUE TAMBÉM FICAM RESTRITAS, DADOS OS ATUAIS DESAFIOS DE ACESSO À INTERNET NO CAMPO.”

Deputado Evair de Melo,
presidente da Frencoop

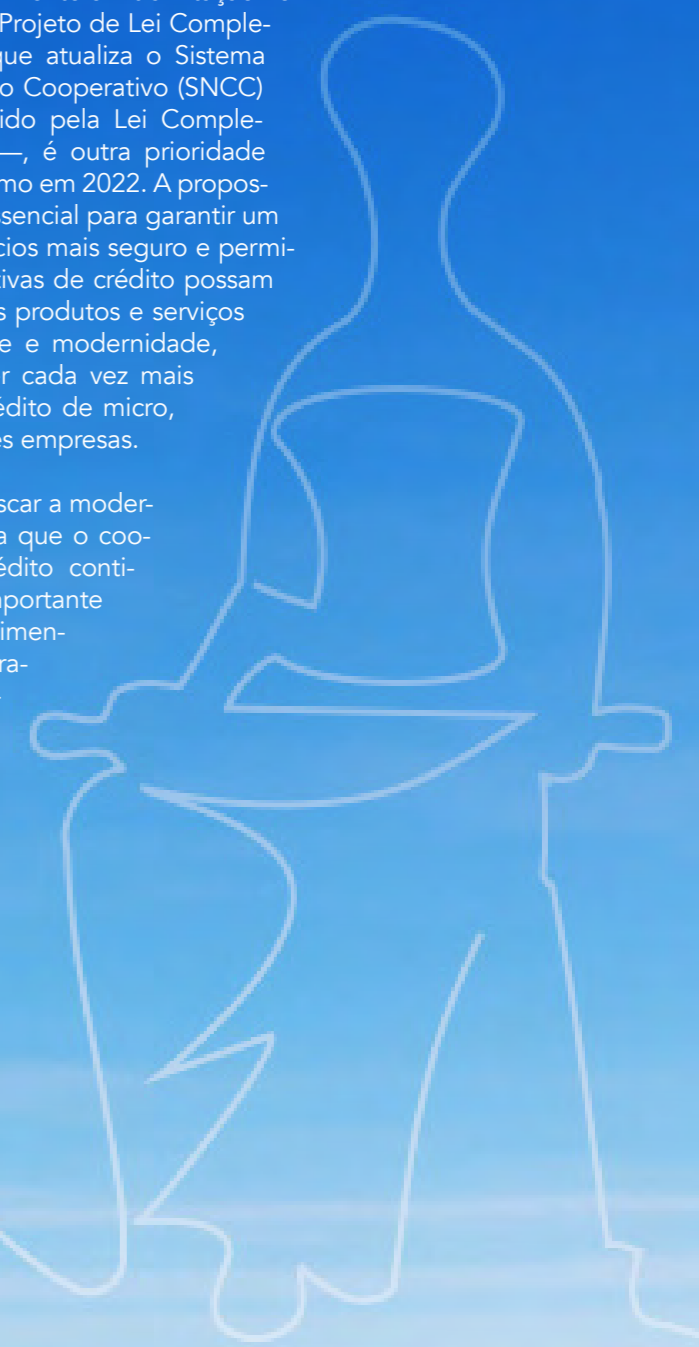
grande. Hoje, em muitas propriedades, só pega uma pontinha de sinal em um canto da cozinha ou há um rádio com uma banda limitada, de um mega, dois megas. Aí a pessoa quer ver um filme, baixar um vídeo, assistir a uma aula *on-line*, não consegue”, afirma. “Fora a questão da segurança, porque sem banda larga não dá para colocar câmeras e fazer um monitoramento em tempo real, ou seja, ter internet hoje é uma necessidade premente”, aponta.

O presidente da Coprel também ressalta que o acesso à internet de qualidade é um dos fatores-chave para a manutenção dos jovens no campo. “Além da renda e de os pais abrirem espaço para os filhos trabalharem, uma boa internet é condição *sine qua non* para a sucessão rural. Se já é difícil ficar uma tarde sem internet, imagina viver isolado o tempo todo”, afirma Stefanello. “Temos hoje no Brasil mais de 60 cooperativas de infraestrutura, e pelo menos metade delas está esperando a aprovação da lei para investir de fato na prestação de serviços de telecomunicação”, informa.

3 ATUALIZAÇÃO DA LEI DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

Aprovado na Câmara dos Deputados no ano passado e atualmente em tramitação no Senado Federal, o Projeto de Lei Complementar 27/2020, que atualiza o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) — atualmente regido pela Lei Complementar 130/2009 —, é outra prioridade para o cooperativismo em 2022. A proposta é considerada essencial para garantir um ambiente de negócios mais seguro e permitir que as cooperativas de crédito possam disponibilizar novos produtos e serviços com mais agilidade e modernidade, bem como atender cada vez mais a demanda por crédito de micro, pequenas e grandes empresas.

“É fundamental buscar a modernização da Lei para que o cooperativismo de crédito continue sendo um importante vetor de desenvolvimento do país. A alteração vai potencializar o crescimento



e gerar a formação do desenvolvimento nos mais diversos ambientes e particularidades”, aponta o deputado federal Arnaldo Jardim (SP), autor da proposta e coordenador do Ramo Crédito da Frencoop.

Entre os novos produtos e serviços que seriam permitidos com a aprovação da lei estão os empréstimos sindicalizados, quando duas ou mais cooperativas do mesmo sistema unem forças para, juntas, atenderem a determinadas demandas de crédito de seus cooperados. “Desse modo, as cooperativas poderão ter um *funding* maior e atender clientes de maior porte”, destaca Clara Maffia.

O projeto também prevê delegar ferramentas e poderes maiores para as centrais e confederações realizarem o trabalho de supervisão auxiliar. Isso amplia a participação do cooperado na gestão da cooperativa e permite a realização de campanhas promocionais visando atrair novos associados e integralizar quotas-partes.

“A aprovação desta lei vai permitir que as cooperativas avancem para um novo patamar de atuação, de prestação de serviços, de organização sistêmica. Queremos que as cooperativas de crédito estejam ainda mais presentes nos municípios, prestando serviços e oferecendo produtos de qualidade”,

destaca Clara. “Estamos fazendo várias reuniões, inclusive com a equipe do presidente do Senado, o senador Rodrigo Pacheco (MG), para que, se possível, o projeto seja aprovado com a maior celeridade possível”, informa.

Com uma carteira de crédito de mais de R\$ 207 bilhões em 2020, o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) detém a maior rede de atendimento do Brasil, com 7.223 pontos. Em alguns municípios do país, as cooperativas de crédito são a única instituição financeira presente na região. Isso reforça a capacidade do ramo de contribuir com o processo de inclusão financeira no Brasil, levando a mais pessoas o acesso a esses produtos e serviços do mercado.

Em 2020, o volume dos depósitos totais das cooperativas de crédito somou mais de R\$ 246 bilhões. De acordo com o Sebrae, as cooperativas lideraram o *ranking* das concessões de empréstimos a pequenos negócios no país, sendo responsáveis por 31% do total.

“É FUNDAMENTAL BUSCAR A MODERNIZAÇÃO DA LEI PARA QUE O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO CONTINUE SENDO UM IMPORTANTE VETOR DE DESENVOLVIMENTO DO PAÍS. A ALTERAÇÃO VAI POTENCIALIZAR O CRESCIMENTO E GERAR A FORMAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO NOS MAIS DIVERSOS AMBIENTES E PARTICULARIDADES.”

Arnaldo Jardim (SP),
deputado federal coordenador do
Ramo Crédito da Frencoop

4 RECUPERAÇÃO JUDICIAL E EXTRAJUDICIAL DE COOPERATIVAS

O projeto de Lei 815/2022, apresentado em abril deste ano pelo deputado Hugo Leal (RJ), também integrante da Frencoop, é mais uma demanda do cooperativismo. A proposta, elaborada em parceria com o Sistema OCB, prevê a reorganização das sociedades cooperativas para permitir o uso de procedimentos de recuperação judicial e extrajudicial, como ocorre com as empresas em geral, mas respeitando o modelo societário cooperativista.

“As cooperativas já contam com desvantagens competitivas e estão desprotegidas em razão da impossibilidade de utilizar esses procedimentos”, destaca Leal. “A sociedade cooperativa apresenta características específicas. Então, nada mais justo que criarmos procedimentos respeitando suas peculiaridades, com estímulo econômico e sem trazer insegurança aos credores e aos próprios cooperados”, observa.

Segundo o deputado, os objetivos principais da proposta envolvem a preservação da atividade econômica, da continuidade de atos cooperativos, do emprego dos trabalhadores e dos interesses dos credores.

“Fui relator da nova lei de recuperação judicial e falências, sancionada em 2020, e sou também relator, na Câmara, do chamado Marco Legal do Reempresendedorismo, voltado para a recuperação de pequenas e micro empresas. As duas propostas têm a preocupação de ajudar na retomada da atividade econômica em momento de crise”, explica. “O PL 815/2022 tem o mesmo princípio: permitir que a cooperativa se reorganize, sem que ocorra um encarecimento do crédito, agilizando os processos, incorporando instrumentos específicos para

“HOJE, HÁ UMA DIFERENÇA MUITO GRANDE NA FORMA DE ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DAS SOCIEDADES EMPRESARIAIS E DAS COOPERATIVAS. PARA AS COOPERATIVAS, O ÚNICO MECANISMO EXISTENTE É A DISSOLUÇÃO, POR MEIO DE UM PROCESSO DE LIQUIDAÇÃO, OU SEJA, ENQUANTO AS EMPRESAS TÊM A OPORTUNIDADE DE NEGOCIAÇÃO, DE ESTENDER PRAZOS, DE ESTABELECEER ACORDO COM CREDORES, AS COOPERATIVAS CONTINUAM APENAS COM A POSSIBILIDADE DE ENCERRAR AS ATIVIDADES, DE DEIXAR DE EXISTIR.”

Ana Paula Rodrigues,
Gerente Jurídica do Sistema OCB

as cooperativas, com estímulo econômico e sem trazer insegurança aos credores e aos próprios cooperados”, completa.

O projeto está em análise na Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços da Câmara dos Deputados (CDEICS), em caráter conclusivo pelas comissões. Se for aprovado na CDEICS e na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, não precisará passar pelo Plenário. “Isso garante uma tramitação mais rápida, em princípio. Assim, acredito que possa ser votado até o fim deste ano, já que há uma mobilização da Frente Parlamentar do Cooperativismo em defesa do projeto”, avalia o deputado.

A Gerente Jurídica do Sistema OCB, Ana Paula Rodrigues, destaca a importância de as cooperativas terem direito à recuperação judicial. “Hoje, há uma diferença muito grande na forma de encerramento das atividades das sociedades empresariais e das cooperativas. Antigamente, as empresas só tinham o mecanismo da concordata, mas o direito foi evoluindo e chegou-se nesse instituto da recuperação judicial, que é um procedimento muito mais voltado para o restabelecimento da saúde financeira

da empresa, para que ela não precise falir. Hoje, uma empresa só vai à falência como consequência de uma recuperação judicial malsucedida”, explica.

Para as cooperativas, o único mecanismo existente é a dissolução, por meio de um processo de liquidação. “Ou seja, enquanto as empresas têm a oportunidade de negociação, de estender prazos, de estabelecer acordo com credores, as cooperativas continuam apenas com a possibilidade de encerrar as atividades, de deixar de existir”, destaca Ana Paula. “O que queremos é que as cooperativas também tenham a chance de se restabelecer financeiramente, quando necessário, e de manter as atividades”, completa.

Ana Paula destaca que o processo de recuperação proposto para as cooperativas é muito similar ao das empresas. “Onde teremos alguma diferenciação é na característica da cooperativa. Porque, diferentemente de uma empresa, que normalmente tem um, dois, três sócios, na cooperativa o quadro social já começa com pelo menos 20”, explica. “Então, quando uma cooperativa começa a entrar em uma situação de dificuldade financeira, às vezes, há uma fuga de cooperados. E se todos eles saírem, não é possível falar em recuperação judicial. Precisamos dar segurança para que eles fiquem até o fim. E a principal forma para que isso aconteça é a preservação dos créditos dos cooperados, por meio, por exemplo, da constituição de fundos, o que não existe na recuperação judicial”, destaca.

5 FINANCIAMENTO AGRÍCOLA

As cooperativas têm consolidado, ano após ano, sua relevância na produção agropecuária brasileira, a exemplo do evidenciado pela participação dos produtores rurais cooperados na produção nacional de grãos, correspondente a 53% do total. Para que o setor possa continuar se desenvolvendo, são fundamentais a manutenção e o fortalecimento do Sistema Nacional de Crédito Rural e da atual arquitetura da política agrícola, voltada para o financiamento das atividades do produtor rural e suas cooperativas. Para o Plano Safra 2022/2023, o foco está na garantia de *funding* para as operações de custeio e investimento, e de recursos suficientes para a adequada operacionalização do seguro rural.

As principais demandas do cooperativismo são o aumento da disponibilização de recursos, de R\$ 251,2 bilhões, do atual Plano Safra, para R\$ 330,8 bilhões — sendo R\$ 234 bilhões destinados ao custeio da safra e comercialização, e cerca de R\$ 97 bilhões para investimentos.

A elevação da oferta de crédito também foi pleiteada mediante o aumento dos percentuais de exigibilidade do depósito à vista (de 25% para 34%), da poupança rural (de 59% para 65%) e das Letras de Crédito do Agronegócio – LCA (de 35% para 50%), destinados ao crédito rural.

Há também a sugestão de elevar o montante de recursos alocados para a equalização das taxas de juros do crédito rural, dos R\$ 13

bilhões anunciados para o Plano vigente para R\$ 22 bilhões, e do seguro rural, de R\$ 1 bilhão para R\$ 1,8 bilhão.

Coordenador nacional do Conselho Consultivo do Ramo Agropecuário, Luiz Baggio ressalta que o Brasil tem um papel importante na garantia de segurança alimentar em nível global. “Isso é mais uma razão que demonstra a importância do Plano Safra, de uma política agrícola adequada, de um volume de recursos condizente com as necessidades de investimento e custeio, a taxas de juro que sejam compatíveis com o momento”, afirma. “Os custos de produção foram altamente majorados, seja por conta de conflitos geopolíticos globais ou por questões macroeconômicas que impactam diretamente no setor. Precisamos continuar produzindo e investindo; por isso, o crédito agrícola é tão importante”, observa.

Em audiência no mês de maio na Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Marcos Montes, afirmou que, para o Brasil ter um Plano Safra 2022/2023 robusto, condizente com o atual contexto, o montante de recursos disponibilizados precisará estar em cerca de R\$ 330 bilhões, e R\$ 22 bilhões para a equalização de taxas de juros, como solicitado pelas cooperativas.

“Este ano, temos a necessidade de crescer substancialmente com o Plano Safra 2022/2023. A inflação subiu muito e os arranjos necessários ao Plano Safra atual foram feitos exatamente por conta da taxa de juros, que subiu de 2,75% para mais de 12%. Além disso, temos o custo de produção, que está cada vez maior também”, disse o ministro.

“OS CUSTOS DE PRODUÇÃO FORAM ALTAMENTE MAJORADOS, SEJA POR CONTA DE CONFLITOS GEOPOLÍTICOS GLOBAIS OU POR QUESTÕES MACROECONÔMICAS QUE IMPACTAM DIRETAMENTE NO SETOR. PRECISAMOS CONTINUAR PRODUZINDO E INVESTINDO; POR ISSO, O CRÉDITO AGRÍCOLA É TÃO IMPORTANTE.”

Luiz Baggio,
do Conselho Consultivo do Ramo Agropecuário

Montes afirmou que está trabalhando para conseguir um Seguro Rural que alcance valores em torno de R\$ 2 bilhões, bem como para que o montante seja obrigatório. “O recurso para o Programa de Subvenção ao Seguro Rural na Lei Orçamentária Anual é discricionário, e fica sujeito a contingenciamento. A gente precisa ter um plano de ação para estimular o produtor a entrar no seguro”, afirmou.

O presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, também salienta a importância do Plano Safra. “Precisamos fortalecer os canais que viabilizam nosso processo de produção, para que possamos ter uma agropecuária cada vez mais crescente e sustentável. Precisamos construir juntos alternativas para continuar alavancando o agronegócio, no intuito de produzirmos

alimentos de qualidade e a preços justos ao nosso consumidor, além de mantermos nosso protagonismo como peça fundamental para a segurança alimentar global; para isso, uma política agrícola consistente é fundamental.”, pondera.

A definição do Plano Safra 2022/2023 deve ser feita pelo Governo Federal até o fim de junho, para entrada em vigor no mês de julho. “Sabemos que a garantia de um Plano Safra robusto é cada vez mais complexa, devido às restrições orçamentárias. Mas o agronegócio continua crescendo, trazendo riqueza para o país. Então, estamos fazendo um trabalho amplo, mostrando a relevância do setor para a segurança alimentar, para a balança comercial e a importância do crédito rural para que possamos manter um crescimento sustentável”, afirma Clara Maffia.

6 ABERTURA DO MERCADO DE SEGUROS ÀS COOPERATIVAS

O Sistema OCB defende a ampliação das possibilidades, legais e regulatórias, de participação do cooperativismo no setor de seguros. Além de ser um novo modelo de negócios na área, o cooperativismo poderá ser protagonista em políticas de acesso a produtos e serviços locais a preços mais competitivos.

No mercado de seguros mundial, existem 5,1 mil cooperativas, distribuídas em 77 países e com mais de 900 milhões de segurados. Em ativos, os números alcançam quase US\$ 9 trilhões e representam 27% do mercado, gerando mais de 1 milhão de empregos, segundo dados da Federação Internacional de Cooperativas e Seguros Mútuos.

Na Câmara dos Deputados, tramita o PLP 519/2018, que, após a atuação da OCB e da Frencoop, passou a permitir a participação das cooperativas no mercado de seguros no Brasil. Já aprovado na comissão especial responsável pelo tema, o projeto não chegou a ser votado em plenário. Em 2021, o Sistema OCB, o Ministério da Economia e outros setores envolvidos no tema chegaram a um consenso sobre uma nova proposi-

ta. "Isso foi um grande avanço. Agora estamos esperando que o governo mande o projeto para a apreciação do parlamento", destacou Clara Maffia.

Hoje, as cooperativas podem operar unicamente em seguros agrícolas, de saúde e de acidentes do trabalho. O Sistema OCB busca suprimir essa limitação, para que as cooperativas possam atuar em novas atividades, atendendo às necessidades dos seus cooperados, respeitando as características únicas do cooperativismo e, claro, com a devida fiscalização da Superintendência de Seguros Privados (Susep).

"O mercado de seguros no Brasil é muito concentrado e não atende os pequenos. Não existe microseguro, por exemplo. Então, muita gente que não está nos parâmetros das seguradoras não consegue ser atendida. Isso é o caso de muitas transportadoras", explica Clara Maffia. "A prestação de serviço de seguros por cooperativas vem exatamente suprir esse nicho", destaca.

Clara ressalta que, em outros países, há cooperativas de seguro tão relevantes quanto as de crédito. "Mais de 30% do mercado de seguros no mundo está nas mãos de cooperativas". "Então, não tem nenhum sentido termos aqui no Brasil essa restrição de atuação. Esperamos que, em breve, essa situação seja revertida", afirma.

"MAIS DE 30% DO MERCADO DE SEGUROS NO MUNDO ESTÁ NAS MÃOS DE COOPERATIVAS. ENTÃO, NÃO TEM NENHUM SENTIDO TERMOS AQUI NO BRASIL ESSA RESTRIÇÃO DE ATUAÇÃO. ESPERAMOS QUE, EM BREVE, ESSA SITUAÇÃO SEJA REVERTIDA."

Clara Maffia,
Gerente de Relações
Institucionais do Sistema OCB

7 PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS EM LICITAÇÕES

A presença das cooperativas em processos de licitação completa as sete principais demandas da agenda institucional 2022. O Sistema OCB atua em várias frentes, para garantir que não haja restrições a essa participação, como ainda ocorre em muitos casos. Foi criado um Grupo de Trabalho exclusivo para discutir o tema, e foram elaborados materiais informativos e pareceres e defesas com jurisprudência favoráveis às cooperativas.

"Nosso objetivo é continuar buscando o reconhecimento das cooperativas como modelo de negócio sustentável e capaz de contribuir para a elevação do status socioeconômico dos seus cooperados, e de impactar a vida de milhares de pessoas através dos valores e princípios do cooperativismo nas contratações públicas", afirma o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Segundo a Gerente Jurídica do Sistema OCB, Ana Paula Rodrigues, a entidade participa como *amicus curie*, fornecendo subsídios e informações para a decisão do ministro Og Fernandes, responsável pela decisão do tema no Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Enquanto o STJ não se posiciona, a recomendação do Sistema OCB é que as cooperativas impedidas de participar das licitações entrem com medidas administrativas e, se necessário, judiciais.

"Em estados onde as cooperativas de trabalho estão mais bem estruturadas, como Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso e Espírito Santo, estamos conseguindo derrubar as restrições no Judiciário, mostrando que não há subordinação de mão de obra ou algum benefício irregular. Mas, em muitos casos, não. É muito importante para as cooperativas que haja uma definição sobre esse assunto, o que nos garante segurança jurídica para participar dos processos», finaliza Ana Paula. ■

"É INCONCEBÍVEL, INJUSTO E INCONSTITUCIONAL QUE, AO OPTAR PELO COOPERATIVISMO, TRABALHADORES SEJAM EXCLUÍDOS DE PROCESSOS DE LICITAÇÕES PÚBLICAS."

Margareth Cunha,
Coordenadora nacional do
Conselho Consultivo
do Ramo Trabalho

Acompanhe as prioridades do coop para 2022 no site da AgendaCoop



Líder nato

É PÉ NO CHÃO

COM A VIDA DEDICADA AO COOP, MÁRCIO LOPES DE FREITAS AGORA VAI DEFENDER A PAUTA COOPERATIVISTA TAMBÉM NA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL (ACI)

Por Flávia Duarte

Ele afasta a cadeira de rodinhas para deixar à vista a foto que está no aparador, encostado na parede. Meio de lado, olha para trás e aponta para o senhor que está emoldurado no único porta-retrato à mostra. Márcio Lopes de Freitas apresenta seu pai: Rubens de Freitas. É quando tira os óculos, se acomoda confortavelmente na cadeira e apoia o cotovelo na mesa. Lá vem história! Márcio gosta de contar “causos”, e o de sua família é um deles.

Em casa, foi onde tudo começou. Márcio é cooperativista, produtor agrícola e cafeicultor. Também é presidente do Sistema OCB desde 2001. A vocação para tocar a terra e liderar as cooperativas é herança familiar. Justamente o caminho que ele percorreu até chegar à cadeira da presidência da Casa do Cooperativismo, que ele começa a contar pela trajetória do pai.

Mas, antes de falar de seu Rubens, é preciso falar do avô de Márcio. Foi seu Zeca quem apresentou, à família e aos colegas de lida, ainda nos anos 1940, o conceito de cooperativa e a ideia de que, quando o assunto é cooperativismo, todos ganham quando ninguém perde.

Zeca produzia leite na pequena cidade de Patrocínio Paulista (SP) e vendia o produto a dois fornecedores que transformavam a matéria-prima em queijo. Até o dia em que um deles, o italiano, tornou-se o único comprador e quis reduzir o preço do litro.

Seu Zeca não aceitou a proposta e decidiu, ele mesmo, produzir os queijos e vendê-los em Franca, a maior cidade perto de sua fazenda. Foi aí que ouviu falar em uma “tal” cooperativa e entendeu que poderia se unir aos demais produtores locais para juntos gerenciarem os próprios negócios.

“Eles convidaram um técnico da Secretaria de Agricultura de São Paulo para apresentar aos produtores como aquilo funcionava. Meu pai contava que, no meio da reunião, o italiano apareceu, querendo saber o que estava acontecendo. Foi quando meu avô disse: ‘Estamos decidindo o nosso futuro!’”, relembra.

Coube a Rubinho, o senhor Rubens que ainda era um menino, a tarefa de distrair o estrangeiro e levá-lo ao pomar “para chupar umas laranjas”, por ordem do pai. Até que a reunião acabou e ficou decidido pelos 44 agricultores das redondezas que nasceria ali, a partir daquele dia, uma cooperativa de leite.





Pai e Mãe



Márcio com os irmãos Adriana, Juvenal e Eduardo

Desde então, a família Freitas produz e trabalha de forma cooperativa. Rubens cresceu, virou um líder e dedicou-se a melhorar as condições das coops de leite e de café no interior do Brasil. A mãe dele, avó de Márcio, tinha “cismado” que o menino deveria ser padre, mas ele fugiu das obrigações da batina e tocava as produções com o tino e a sabedoria da experiência. “Ele falava que o único diploma que tinha na vida era o de primeira comunhão, porque era obrigado a ter”, conta Márcio, rindo.

O negócio passou de pai para filho e, depois, para os netos. Márcio foi criado em fazenda. Cresceu produtor agrícola e cafeicultor. Também transformou seu trabalho em uma missão, para fortalecer o conceito do coop no Brasil e pelo mundo. Aos 63 anos, acredita que esse modo cooperativista de fazer negócios é o segredo de sucesso pessoal e profissional da humanidade.

“O modelo salve-se quem puder, a lei de levar vantagem, não está trazendo felicidade para as pessoas. A filosofia do cooperativismo é uma luva para este momento de insatisfação. Trata-se de uma economia compartilhada, em que as pessoas tomam as decisões dos rumos de seus negócios. Elas já não querem mais ser passageiros do processo. Elas querem ser autoras”, defende.

Liderança reconhecida

Ao lado da foto do pai, no aparador que fica na sala da presidência do Sistema OCB, Márcio exibe alguns troféus. Desde que assumiu a gestão da Casa do Cooperativismo, tem sido condecorado e reconhecido pelo seu trabalho. Uma lista de predicados, entre os quais citam-se a capacidade de articulação e de debate. Em 2009, o cooperativista foi considerado líder no diálogo com o Congresso Nacional — missão que resultou na aprovação da modernização da Lei Brasileira de Cooperativas Financeiras e, em 2012, na criação da Lei nº 12.690, que definiu novas regras para a organização e para o funcionamento das cooperativas de trabalho.

Em 2017, a convite das Nações Unidas, Márcio participou do Fórum Político de Alto Nível, em Nova York, e, desde então, o Sistema OCB tem sido parceiro de diversos projetos da ONU para promover os objetivos de desenvolvimento sustentável entre as cooperativas.

Márcio com o pai e irmãos



Dois anos depois, foi condecorado com o prêmio *Distinguished Service Award* (Serviço Distinto) do Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito (Woccu), em reconhecimento a sua liderança e por seu esforço de disseminar o segmento no Brasil e no exterior.

Aliás, criar parcerias entre países como forma de fortalecer as cooperativas é uma das bandeiras de Márcio. Por isso, ele defendeu a união dos países do Mercosul para promover o comércio entre cooperativas de região e foi um dos fundadores, em 2001, da Reunião Especializada de Cooperativas do Mercosul (RECM).

No comando do Sistema OCB, Márcio se pronunciou em vários idiomas e estabeleceu acordos com a Confederação Alemã de Cooperativas (DGRV) e com líderes cooperativistas de Botsuana, Argélia e Timor-Leste.

Freitas implementou um projeto bilateral para fortalecer as cooperativas de Moçambique e, durante seu mandato, em 2010, o Sistema OCB sediou o Primeiro Encontro de Cooperativas dos Brics, estreitando relações com Rússia, Índia, China e África do Sul.

“O movimento cooperativista brasileiro está muito parrudo, muito expressivo e se posicionando internamente de maneira muito forte. Com isso, também há a tendência de internacionalização das nossas cooperativas, seja na área financeira, na área de saúde ou na área agrícola. Cada vez mais, as cooperativas vão precisar de relacionamentos globais”, defende ele, que também é vice-presidente das Américas da Organização Internacional das Cooperativas Agropecuárias (Icao).

Novos desafios

Para fortalecer ainda mais a presença das cooperativas brasileiras no cenário internacional, Márcio assumiu um novo desafio: agora, é conselheiro da Aliança Cooperativa Internacional (ACI). Com sede em Bruxelas (Bélgica), este organismo internacional representa mais de 50 mil cooperativas e mais de 300 milhões de cooperados de todo o mundo.

O presidente do Sistema OCB foi indicado pela experiência e pelo perfil visionário. E por ser uma “pessoa rara”, como define o ex-presidente da ACI e atual coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues.



Na fazenda



O café é uma paixão do presidente do Sistema OCB

“O COOPERATIVISMO É UM MOVIMENTO PERFEITO PARA A NATUREZA HUMANA, POIS UNE IDEALISMO, SOLIDARIEDADE, AÇÃO COMUNITÁRIA E COLETIVA, MAS TAMBÉM CONSTRUÇÃO E AÇÃO. O LÍDER COOPERATIVISTA TEM QUE SOMAR ESSAS DUAS METADES DE MANEIRA ABSOLUTA E TRANSFORMÁ-LAS EM FILOSOFIA DE VIDA. MÁRCIO FAZ ISSO NA PERFEIÇÃO. ELE TRAZ ISSO NA GENÉTICA.”

Roberto Rodrigues,
coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas

“O cooperativismo é um movimento perfeito para a natureza humana, pois une idealismo, solidariedade, ação comunitária e coletiva, mas também construção e ação. O líder cooperativista tem que somar essas duas metades de maneira absoluta e transformá-las em filosofia de vida. Márcio faz isso na perfeição. Ele traz isso na genética”, define Rodrigues, único líder não europeu a presidir a ACI, entre os anos de 1997 e 2001. Ele também é presidente da Academia Brasileira de Ciências Agrônômicas e embaixador Especial da FAO para Cooperativas.

Eleito em junho, Márcio pretende intensificar a rede de negócios entre cooperativas de todo o mundo. “As cooperativas brasileiras já vendem soja, carnes, frango, por exemplo, para cooperativas internacionais, mas queremos estreitar ainda mais e melhorar a nossa relação, bem como ter mais acesso aos mercados globais do sistema financeiro. Uma coop brasileira de crédito, ao se associar a bancos internacionais, será capaz de fazer negócios internacionais com mais facilidade. Para o Brasil crescer, precisamos de investimento, e as linhas de crédito e o sistema financeiro são insumos extremamente importantes.”

Entusiasmado com a possibilidade de fortalecer o coop internacionalmente, o presidente do Sistema OCB não quer nada menos do que a vitória na ACI. “A gente, em uma eleição, só não quer perder. Eu não gosto de perder nem no par ou ímpar”, brinca.

Homem do campo

Márcio fala pausadamente. Fala baixo. Coisa de gente calma. Quem o conhece diz que seu tom é sempre o mesmo. Não muda. “Esquentar a cabeça, para quê?”, questiona enquanto tenta acessar o link de mais uma reunião *on-line*.

A calma é de quem nasceu e cresceu na roça. Márcio veio de Patrocínio Paulista (SP), em meio a gado e à plantação de café. Nos anos 1970, fundou uma cooperativa de café na terra natal. Para Brasília, mudou-se aos 17 anos, com o pai, que, a essa altura, era presidente da Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios, com sede na capital. Aqui, formou-se em administração de empresas, investiu na carreira e firmou o nome no cooperativismo. E criou seus dois filhos, que hoje têm 39 e 33 anos, respectivamente. “Aqui é ‘bão’ demais!”, brinca, carregando no sotaque.

Mas o afeto pela cidade onde mora não diminui o banzo das origens. “Eu adoro a fazenda. Eu sou agricultor. Sinto muita falta de estar perto da terra e das minhas criações”, comenta.

As duas fazendas dele ficam no interior de São Paulo, a quase 800km da capital, onde planta café, lavoura branca e cria alguns tipos de gado. O plano é adquirir uma propriedade pela região do Distrito Federal, tão logo seja possível. Para matar a saudade da terrinha, nos fins de semana, Márcio entra na caminhonete e vai desbravar a área rural nas proximidades de Brasília. Olha os anúncios de venda e agenda uma visita. Em parte, uma boa desculpa para conhecer as redondezas, mas também para trocar uns dedos de prosa e tomar um café.

Márcio é amante inveterado do grão. Além de produzi-lo, consome com gosto. Quase um litro por dia. A xícara de louça ágata, decorada em arabescos pretos, é mantida sempre cheia. O utensílio foi presente de um amigo, que a trouxe do Museu do Café, de Santos “Gosto dela”, diz.

Recentemente, começou a fazer uma dieta e logo a nutricionista sentenciou: “Um litro de café é demais”. Ele nem questionou a proibição, mas presenteou a profissional com um quilo do café produzido na fazenda dele. “Este aqui é diferente, pode tomar”, e ela cedeu.

Márcio concorda que café é bom, mas tem que ter “paladar” e “qualidade de origem”. Quando lhe perguntam se ele prefere a bebida mais forte ou fraca, nem titubeia: “Gosto é de muito”, responde, rindo.



No campo, Márcio se sente completo



Aposta no futuro

Nas andanças pela região rural da capital do país, Márcio se depara com todo tipo de história. Lamenta ver algumas propriedades abandonadas, cenários que são só a sombra do espaço produtivo que foram em outros tempos.

Dia desses, conheceu um senhor que, ao completar 80 anos, viu-se obrigado a vender a bela propriedade no campo porque nenhum dos filhos quer tocar os negócios. Assim, preferiu ele próprio escolher, ainda em vida, quem ficaria com a casa e com as terras cuidadas por ele com tanto capricho ao longo dos anos. Ainda que a escolha fosse por alguém fora da família, interessado em comprar a propriedade.

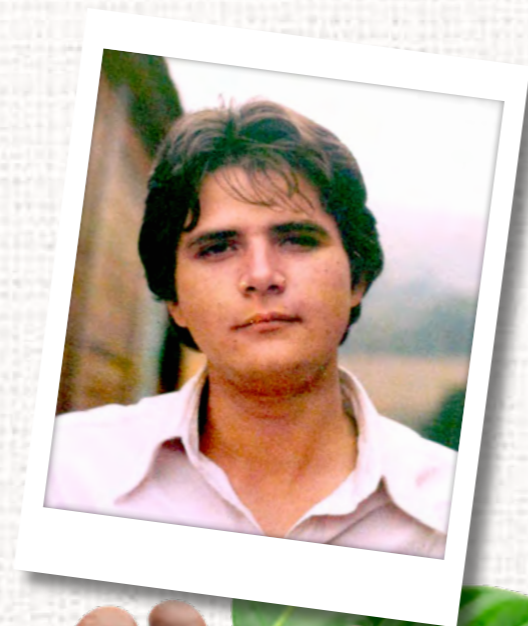
Para o presidente do Sistema OCB, histórias como essa são lamentáveis. Afinal, o futuro do cooperativismo está na mão dos jovens; por isso, Márcio busca maneiras de atraí-los para o nosso movimento. Em 2019, após a realização do 14º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), ele deu todo o apoio à criação do Comitê de Jovens, que têm poder de decisão e de participação efetiva no planejamento de ações.

“QUEM PENSA QUE O JOVEM ESTÁ NO CELULAR O DIA INTEIRO, SE ESQUECE DE QUE ELE ESTÁ SE COMUNICANDO, SE INFORMANDO.... VEJO QUE ELES QUEREM TRANSFORMAÇÕES, MODELOS DE NEGÓCIOS DIFERENTES, COMO O COOPERATIVISMO, QUE PROPÕE O COMPARTILHAMENTO DE ECONOMIA E A PARTICIPAÇÃO NOS RESULTADOS.”

Márcio Lopes,
Presidente do Sistema OCB

Márcio quer ouvir a opinião fresca e dar voz à juventude. “Eles querem participar. Quem pensa que o jovem está no celular o dia inteiro, até com certo exagero, se esquece de que ele está se comunicando, se informando, absorvendo e transformando informação internamente. Vejo que eles querem transformações, modelos de negócios diferentes, como o cooperativismo, que propõe o compartilhamento de economia e a participação nos resultados.”

Só para se ter uma ideia da promessa que representa a juventude no cenário do cooperativismo brasileiro, Márcio reforça que o grande diferencial da produção agrícola no Brasil não está relacionado a questões climáticas ou geográficas, mas o sucesso se deve ao perfil do agricultor, que tem menos idade do que no resto do mundo. Em nosso país, este profissional tem, em média, 44 anos. Na Europa, ele é 28 anos mais velho. Isso se traduz em trabalhadores mais dispostos e conectados, e desenha um nicho de mercado atraente. “A agricultura brasileira é almejada como um mercado de trabalho interessante, como bom gerador de renda.”



Márcio com a esposa



Márcio com os filhos

Empatia

As mulheres são outra aposta deste líder para o incremento do cooperativismo. Na gestão de Márcio, elas também ganharam um comitê — Elas pelo Coop - Comitê Nacional de Mulheres do Sistema OCB — e espaço para se posicionarem e contribuírem. A visão sustentável da economia e a habilidade de serem multitarefas são algumas das características femininas indispensáveis ao movimento.

Na lista de outros valores importantes para o cooperativismo estão a empatia, a coletividade e o apoio mútuo. As pessoas valem por serem únicas e individuais, não pelo capital financeiro que representam. Não importa o percentual, elas terão sempre o mesmo poder de decisão. Para Roberto Rodrigues, “um movimento perfeito para a natureza humana, pois é composta por corpo e alma, matéria e espírito, assim como o cooperativismo é feito de idealismo e de construção, de sonho e de resultados”.

O sétimo princípio do cooperativismo, que prega o “interesse pela comunidade”, é uma das causas defendidas por Márcio. Pensando nisso, ele nacionalizou um importante programa de voluntariado que já mostrava sua força em Minas Gerais, onde foi criado e batizado “Dia da Cooperação” mais conhecido como

“Dia C”, pelo Sistema Ocemg. A proposta é estimular líderes cooperativistas a trabalharem em prol de suas comunidades — o que beneficiou, só em 2021, mais de 5 milhões de cidadãos. É derrubar, por meio de ações, a arraigada cultura do individualismo.

Um modelo de ganhos coletivos, baseado em trabalho e renda, visto como solução para o atual momento de crise econômica e até mesmo para o conflito pessoal que o mundo atravessa. Um movimento que reúne, atualmente, 17,2 milhões de brasileiros cooperados, e cerca de 4,8 mil cooperativas no Brasil.

“A incapacidade, do modelo social que nós temos, de gerar felicidade, está fazendo as pessoas olharem para novas alternativas. O cooperativismo acaba sendo um porto seguro, porque você trabalha a questão dos valores, os princípios de um desenvolvimento econômico, vamos dizer assim, com caráter, que ajuda a transformar a sociedade e gerar um desenvolvimento propício à justiça social e à prosperidade”, defende Márcio. “A sociedade quer, cada vez mais, um modelo diferente de qualidade de vida. As pessoas querem ‘ser’ mais do que ‘ter’ mais”, acrescenta. ■

Cooperativas constroem
um mundo melhor



Acesse o manifesto



intercooperação:

sinergia que multiplica resultados

Juntas, as coops têm muito mais força para inovar, acessar novos mercados e resultados muito mais eficientes. É com a parceria na comercialização de produtos e serviços entre as coops que o nosso movimento se fortalece. Com a intercooperação, ganham os cooperados, as cooperativas, os consumidores e toda a nossa sociedade.

Acesse:
conexaocoop.br/intercooperacao
e saiba mais.

somos **COOP**

P R Ê M I O
somos
COOP
MELHORES DO ANO 2022

Vamos reunir as coops de todo o Brasil para reconhecer as boas práticas que contribuíram para impulsionar o nosso modelo de negócios. Os primeiros colocados nas seis categorias serão premiados com intercâmbio cooperativista.

Prepare o seu case e inscreva sua coop até 1º de setembro!

melhores.premiosomoscoop.coop.br

